



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

FELIPE OLIVEIRA PORTUGAL

TÍTULO:
Dom Bentinho

Vitória da Conquista
2025

FELIPE OLIVEIRA PORTUGAL

TÍTULO:
Dom Bentinho

Projeto de trabalho de conclusão de curso na modalidade roteiro de série ficcional, apresentado ao Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Vitória da Conquista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Gildon Oliveira

Vitória da Conquista
2025

FELIPE OLIVEIRA PORTUGAL

DOM BENTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Gildon Oliveira.

Aprovado em: / /

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gildon Oliveira Silva

Prof. Mestre Mônica Medina Santos Almeida Neves

Doutor Marcelo Oliveira Lima

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maurício e Shirley, por nunca terem saído do meu lado na minha vida. Independentemente de concordarem ou não com minhas decisões, serei eternamente grato por terem me dado o direito de tomá-las por vontade própria. Vocês são minhas principais inspirações e fontes motivadoras em diversas maneiras que provavelmente nem eu mesmo sei reconhecer.

Agradeço também às pessoas que, apesar de não serem meus pais, são as melhores figuras paternas e maternas que eu poderia desejar. Mauro, meu dindo, você é o mais próximo de um pai sem ser meu pai que eu tenho, e sempre levarei seu carinho comigo. Sueli, minha dinda, você é a minha segunda mãe, e agradeço pelos puxões de orelha quando minha mãe não estava presente. Maurílio, meu tio, você é o misto entre pai, tio e irmão mais velho, e agradeço por cada momento, seja jogando videogame ou me ensinando. Mira, minha tia, obrigado por me fazer rir e cuidar de mim. Estrela, você não é minha parente de sangue, mas saiba que você é minha família, e agradeço por toda a atenção que teve e tem por mim.

Apesar de ter uma meia-irmã, não crescemos morando na mesma cidade, o que fez com que eu crescesse sendo filho único, mas diversas pessoas não permitiram que eu me sentisse assim. Dudu, meu irmão, nunca esquecerei das partidas de Fifa e das brincadeiras. Lara, minha irmã mais nova, sou grato por tudo o que vivemos. Netão, meu irmão mais velho, agradeço pelos ensinamentos e prometo passar tudo isso para seu filho, que tenho a honra de chamar de afilhado. Guilherme, meu compadre, nunca vou esquecer do companheirismo e prometo passar todo esse sentimento para a sua filha, que tenho a honra de chamar de afilhada. Todos vocês, mais do que parentes, eu posso chamar de família.

Nunca fui uma pessoa que fazia amizades com facilidade e isso era um medo antes de entrar no curso, e fico feliz de poder dizer que esse medo não podia ser mais bobo. Thay, Manuzão, Dedé e Nick. Obrigado por estarem comigo desde o início dessa caminhada e fazerem tudo ser mais leve. Mateus. Obrigado por, mesmo chegando depois, ser um dos motivos que me levavam à faculdade todos os dias, mesmo que fosse só para me distrair dando risadas. Amo todos vocês e sei que, se vocês não estivessem no curso, eu não teria chegado até aqui.

Agradeço a todos os professores do curso de Cinema e Audiovisual da UESB pelos ensinamentos, mas especialmente à Rogério, por ter me mostrado como o audiovisual pode ser um lugar leve e divertido, a Márcio, por ter sido professor na sala de aula e no taekwondo, que me ajudava a relevar um pouco do peso das matérias, e a Gildon, que foi quem tornou possível

todo esse projeto.

Paulo Lima Reis. Obrigado pelo incentivo para fazer Cinema. Suas experiências de TV UESB e de vida me fizeram uma pessoa mais feliz e consciente do que eu queria, e palavras nunca bastarão para agradecer por isso. Fico triste pelo que a gente poderia ter vivido como dupla ao longo do curso, mas é gratificante saber que tive e tenho você ao meu lado na vida.

Lucas Amaral Lacerda. Você foi e continua sendo importante na minha vida. Nosso tempo foi curto, mas agradeço a Deus por ter me dado uma oportunidade de dividir a vida com você, compartilhando ensinamentos e aprendendo coisas também. Saiba que, sempre que eu ver uma bola de futebol, vou estar com você na minha mente.

Lara Souza Matos. Obrigado por me suportar, especialmente no período em que escrevi esse projeto, quando até eu mesmo não me suportava. Você foi a melhor companheira que eu podia ter pedido, e serei eternamente grato pela ajuda, amor e companheirismo vindos de você.

Ana Jullia Valença. Obrigado por ter sido a maior incentivadora que tive ao longo do curso. Sem você eu provavelmente não teria feito Cinema e, mesmo após entrar, não teria concluído. Você foi apoio, amizade, amor, razão, inspiração e emoção, tudo na mesma pessoa. Não preciso dizer muito sobre você ou para você, porque você já sabe de tudo.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se trata da elaboração de um memorial que sistematiza o processo de criação de uma narrativa seriada, contendo a bíblia da série e o piloto da série, nomeada “Dom Bentinho”. Durante o processo de criação, proponho, para além desta sistematização, apontamentos sobre os modos de criação. No meu processo, eu trato de provocar uma reflexão sobre a profissão de roteirista, a relação que é estabelecida neste campo de trabalho, os possíveis usos da linguagem, a metodologia aplicada e a minha adequação, pensando nas etapas do processo de criação, além das outras possibilidades metodológicas e o uso e a exploração do gênero, que é a comédia. Para além disso, trata também da linguagem escolhida, que neste caso é a narrativa seriada, como ela se delimita, como ela se configura e que tipo de narrativa seriada está sendo criada. Aqui faço uma livre releitura de “Dom Casmurro”, renomada obra da literatura brasileira escrita por Machado de Assis, relendo-a à luz da contemporaneidade, experimentando a composição para o gênero da comédia, especificamente no formato *sitcom*.

Palavras-chave: Dom Casmurro; *Sitcom*; Comédia; Narrativa Seriada; Roteiro.

ABSTRACT

This Capstone Project consists of the development of a memorial that systematizes the creation process of a serialized narrative, including the series bible and the pilot episode of the series titled “*Dom Bentinho*.” During the creation process, I propose, in addition to this systematization, reflections on the modes of creation. In my process, I seek to provoke a reflection on the screenwriter’s profession, the relationships established within this field of work, the possible uses of language, the applied methodology and my adaptation to it, considering the stages of the creative process, as well as other methodological possibilities, and the use and exploration of the genre, which is comedy. Furthermore, it also addresses the chosen language, which in this case is the serialized narrative — how it is defined, how it is structured, and what type of serialized narrative is being created. Here, I present a free reinterpretation of “*Dom Casmurro*”, the renowned work of Brazilian literature written by Machado de Assis, rereading it through a contemporary lens, experimenting with composing it in the comedy genre, specifically in the sitcom format.

Keywords: Dom Casmurro; Sitcom; Comedy; Serialized Narrative; Script.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 O ROTEIRO E O CAMPO AUDIOVISUAL

- 1.1 A Profissão e a Obra na Cadeia de Produção
- 1.2 Gênero Dramático e Sua Aplicação
- 1.3 Temáticas Abordadas
- 1.4 O Exercício da Linguagem

2 O PROCESSO DE CRIAÇÃO

- 2.1 As Possibilidades Metodológicas
- 2.2 Aplicações dos Fundamentos da Dramaturgia
- 2.3 As Estratégias de Produção dos Efeitos Dramáticos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

INTRODUÇÃO

Ainda quando criança, eu sempre fui um inventor bem curioso. Criava as mais diferentes histórias para os meus brinquedos, mudava as regras de algumas brincadeiras para criar novas, isso quando não inventava a brincadeira do zero, e escrevia histórias e músicas, apesar de a timidez muitas das vezes me impedir de mostrar para outras pessoas. Independentemente de onde eu estava, o desejo de criar algo novo ou modificar algo já existente sempre me acompanhou. Esse lado mais criativo e de imaginação fértil nunca me abandonou durante a minha vida e, caminhando lado a lado com isso, a indecisão de qual profissão deveria seguir. Rodei bastante pelas mais variadas opções, indo de Computação até Direito, até que me encontrei em Cinema e Audiovisual. Já entrei na faculdade sabendo que queria ser roteirista e diretor, mas acabei exercendo tais papéis pouquíssimas vezes e, quando exercia, estava mais atrelado a documentários do que a projetos de ficção.

O curso foi caminhando para o final e, na hora de decidir qual viria a ser meu TCC, minha primeira opção foi produção de média-metragem, mas não viria a ser tão fácil assim. Após alguns problemas com meu projeto no último semestre, me vi sem a possibilidade de executar a produção na qual passei todo o ano de 2024 trabalhando. Sem solução, eu nunca poderia imaginar a ironia que viria a ocorrer comigo: fui salvo por um livro que eu odiava.

Desde criança eu sempre gostei bastante de ler. Lia livros infantis e histórias em quadrinhos, mas na adolescência acabei me afastando um pouco da leitura. Foi quando eu fui apresentado à Dom Casmurro. Livro obrigatório do ensino médio, meu ódio por Dom Casmurro foi instantâneo. Não me levem a mal, eu sempre fui sim apaixonado por leitura, contanto que eu tivesse o controle de ler o que eu quisesse e quando quisesse, e foram exatamente esses dois pontos desrespeitados por Dom Casmurro que me fizeram não gostar do livro. Basicamente uma birra comum de um adolescente desleixado. Praticamente dez anos depois dessa experiência pouco agradável, uma aula do professor Gildon traria de volta esse livro para a minha vida.

Em um trabalho para criar uma bíblia de série, após uma tentativa falha de desenvolver uma sátira que tinha um protagonista contra uma seita, uma ideia de *sitcom* vem à minha cabeça. Comecei a modificar um pouco sua estrutura, e em uma dessas modificações, batizo meu trio principal com os nomes do icônico trio de Dom Casmurro: Bentinho, Capitu e Escobar. Desenvolvemos o trabalho ao longo do semestre e, com o passar do tempo, desenvolvi um certo carinho pelos personagens e por sua história, mas senti que usava apenas a casca dos protagonistas de um livro que, além de não gostar, já não lembrava assim tão bem da história. Nas férias, em uma viagem, me deparei com Dom Casmurro em uma livraria, e comprei mais

como uma forma de me livrar desse peso que me seguia. Foi assim que não só descobri o meu livro brasileiro favorito, mas também qual seria meu TCC.

Dom Casmurro é aquele tipo de obra que te prende de um jeito que você não nota as sutis mudanças no gênero, que varia entre a comédia e o drama de uma forma magistral, fazendo você ler página atrás de página, capítulo atrás de capítulo e nem ver o tempo passar. Além disso, existe o grande mistério em torno da obra e que divide opiniões ainda hoje, mais de 100 anos depois de seu lançamento: Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Apesar de ter minha opinião, não serei eu que responderei essa dúvida, mas trago aqui uma outra pergunta: como fazer uma obra tão boa repercutir nas gerações mais novas da mesma forma que ela repercutiu em mim? E foi a partir desse questionamento que surgiu a ideia de escrever Dom Bentinho.

Já adianto que Dom Bentinho não é e nem foi pensada para ser uma adaptação fiel de Dom Casmurro. Aqui temos uma releitura, que é uma reimaginação de uma obra já existente, mas com mudanças em conceitos e em como a história se comporta. Um exemplo de releitura é o filme “Jovens Mulheres”, lançado em 2018 e escrito e dirigido por Clare Niederpruem. Nele, a história clássica do livro “Mulherzinhas”, de Louisa May Alcott, é trazida para os dias atuais, acompanhando as irmãs March. Em Dom Bentinho, existe a semelhança de adaptar uma história literária para os dias atuais, mas com mudanças mais bruscas. As características do trio principal foram mantidas de certas formas, apesar de serem um pouco redistribuídas pelos personagens. Mas existe uma gritante mudança tanto no tempo em que a história é situada quanto no gênero. Se passando quase dois séculos depois da “história original”, Dom Bentinho não foi feita para manter os personagens como pessoas do século XIX, mas sim uma atualização para os dias atuais, com novos problemas e formas de ver o mundo. Além disso, o formato de *sitcom*, isso é, uma série de comédia, traz diversas mudanças para os personagens, que não mais estão presentes em um livro. Essas mudanças serviriam como uma repaginação da obra original, atraindo a atenção das pessoas e podendo servir como porta de entrada dupla: de um lado, fãs do livro seriam atraídos por uma série desse tipo, e os fãs da série desenvolveriam uma certa curiosidade para com o livro.

Com a reimaginação dos personagens, o “motor propulsor” do livro, que é a suspeita de Bentinho sobre ele ter sido ou não traído, é deixada de lado, e o conflito passa a ser uma disputa declarada entre Capitu e Escobar por Bentinho. A mudança na sexualidade de Bentinho, agora bissexual e se descobrindo ao decorrer da série, seria importante do ponto de vista da representatividade. Existe um espaço um pouco maior para as obras com protagonistas LGBTQIA+ do que existia antigamente, dando uma liberdade maior para explorar esse tipo de

narrativa, trazendo figuras importantes que pertencem a essa comunidade e trazendo uma maior visibilidade para esse tipo de assunto.

Além disso, o formato de *sitcom* é essencial na estrutura do projeto. Sendo um grande fã de *sitcom* desde a minha infância, cresci assistindo séries como “A Grande Família¹” e “Tapas e Beijos²”, mas foi em “*How I Met Your Mother*³” que encontrei minha série favorita. A saga de um apaixonado Ted Mosby buscando uma mulher ideal enquanto tem diversas aventuras com seus amigos grudou em minha cabeça instantaneamente, e parto dessa série como a grande inspiração para esse projeto.

O sucesso da comédia no país e a existência limitada de investimentos nesse mesmo gênero em grande escala na Bahia chamam minha atenção do ponto de vista de elaboração de Dom Bentinho. Mesmo assim, não faltam exemplos de comédias que, quando receberam esses investimentos, fizeram sucesso, como é o caso de “Ó Paí, Ó⁴”. Essa obra é uma referência, por mostrar o potencial que a comédia baiana tem e que ela é reconhecida quando ganha projeção nacional. Partindo desse ponto de vista, percebe-se que a Bahia tem potência criativa para as narrativas cômicas, além de que existe um público consumidor para esse gênero.

Na parte um deste memorial, chamada “O Roteiro e o Campo Audiovisual”, é o capítulo onde eu vou discutir sobre o que é o campo do roteiro na cadeia audiovisual brasileira e seus locais de aplicação. Também será discutido o gênero dramático e como este foi aplicado na obra, as temáticas que escolhi para serem abordadas ao longo do piloto e da série e como se dá o exercício da linguagem. Já na parte dois, chamada “O Processo de Criação”, falarei sobre as possibilidades metodológicas do campo do roteiro e quais apliquei no meu processo de criação, as aplicações dos fundamentos da dramaturgia na minha obra e as estratégias de produção de efeitos dramáticos que utilizei para alcançar certos resultados em minhas cenas. Na parte três, está presente a obra. Por uma convenção de mercado, entende-se como obra o episódio piloto e a bíblia da série. Ambos estão presentes no capítulo três por não se tratar de um apêndice ou um processo de criação, mas a criação em si. Após, estão as minhas considerações finais acerca do processo. Por fim, existe o espaço para as referências bibliográficas e os apêndices.

¹ A GRANDE FAMÍLIA. Direção de Guel Arraes. Produção: Rede Globo. Rio de Janeiro: TV Globo, 2001-2014. Série de televisão.

² TAPAS E BEIJOS. Criação de Cláudio Paiva. Produção: Rede Globo. Rio de Janeiro: TV Globo, 2011-2015. Série de televisão.

³ HOW I MET YOUR MOTHER. Criação de Carter Bays e Craig Thomas. Produção: CBS. Estados Unidos: 20th Century Fox Television, 2005-2014. Série de televisão.

⁴ Ó PAÍ, Ó. Direção de Monique Gardenberg. Roteiro de Monique Gardenberg. Produção: Globo Filmes; Dueto Filmes; Dezenove Som e Imagens; Natasha Filmes. Brasil, 2007. Filme.

1 O Roteiro e o Campo Audiovisual

1.1 A Profissão e a Obra na Cadeia de Produção

Seja no cinema ou televisão, o nascimento de qualquer produto se dá no roteiro, que é a primeira parte e também uma das mais importantes de qualquer produção. O grande trabalho do roteirista é traduzir as suas ideias em palavras, para que essas cheguem ao restante da equipe e possam se tornar as imagens que compõem a obra como um todo. É no roteiro que as ideias começam a tomar forma e dão o primeiro passo para se tornarem algo concreto, e foi exatamente isso que instantaneamente prendeu a minha atenção nos filmes.

Apesar de todas as áreas do cinema exigirem criatividade de seus profissionais, é na fase inicial do roteiro que a pessoa se encontra mais livre para criar. Universos inteiros são concebidos por roteiristas, que podem escolher fazer histórias interplanetárias ou que se passem em sua própria rua. É claro que, em um segundo momento, as histórias devem passar por modificações por conta das limitações impostas pelo mercado. Alguns roteiros encontram uma limitação em seus orçamentos, por exemplo, caso comum no gênero de ficção científica, que encontra uma grande dificuldade em ser realizado no Brasil por ser sinônimo de altos preços. É visando preocupações como essa que pensei em Dom Bentinho.

Vindo de uma cidade no interior do interior da Bahia, sempre escrevi com uma grande preocupação com o preço da produção. Potiraguá, minha cidade, tem uma população de dez mil pessoas, isso sendo generoso ao contabilizar zona rural e os distritos. Sendo assim, a produção audiovisual com caráter ficcional na cidade é inexistente. O primeiro contato que tive com algum tipo de produção foi ao me mudar para Vitória da Conquista para estudar. Apesar de ainda ser uma cidade do interior, essa já era uma muito maior, contando com uma população de mais de trezentas mil pessoas. Aqui aprendi sobre editais de fomento à cultura e políticas públicas de incentivo. Esses tipos de auxílios são, basicamente, as únicas formas de produzir audiovisual de forma eficaz na cidade, visto que existe uma iniciativa privada, mas ela não tem forças para ser sustentável pela falta de um retorno real do dinheiro que é investido. Isso leva em consideração, em sua maioria, a produção de curtas, que é para onde a maior parte da verba dos editais vai.

No recorte de séries, a produção de forma recorrente é majoritariamente ocupada por Salvador. Sendo a capital, é a cidade que concentra a maior parte da verba para produções e também onde reside a maioria dos profissionais baianos. Salvador ainda tem um certo apelo pessoal, por ser uma cidade do meu estado.

Algumas das decisões criativas também acabam ficando com o diretor e, por mais que também seja do meu interesse dirigir, existe um costume de que os episódios em séries sejam

divididos entre diversas pessoas, que acabam não tendo o mesmo reconhecimento que o escritor. Isto acaba sendo um paralelo interessante com o que acontece no cinema. Diferentemente da televisão, seja nas séries ou nas novelas, onde ainda vemos o roteirista sendo a principal pessoa da produção a receber os créditos, no cinema percebe-se uma representação dele como um coadjuvante. O escritor só recebe o holofote se ele também tiver dirigido o filme, pois o diretor é o grande centro das atenções. Isso é algo enraizado no cinema, visto que é de fácil acesso saber quem dirigiu certo projeto, seja nos créditos do longa, onde geralmente o nome do diretor já é mostrado de forma maior no seu início, ou na internet, já que uma busca rápida pelo filme já resulta no nome da direção. Isso quando o roteirista é creditado, já que existem casos em que seu nome é excluído, como no famoso caso de “Cidadão Kane⁵”, em que Herman J. Mankiewicz só teve seu nome atrelado ao projeto anos depois.

Para novelas ou séries, esse paralelo da pesquisa acontece de forma contrária. Em séries de sucesso dos Estados Unidos, por exemplo, é comum os fãs se acostumarem com o nome dos criadores. No Brasil, o campo das telenovelas tem seus criadores de renome, principalmente dentro da Rede Globo, uma das principais emissoras nacionais. O nome de Glória Perez é recorrente quando se pensa nesse tipo de produção, já tendo emplacado sucessos como “Caminho das Índias⁶”, “Salve Jorge⁷”, “O Clone⁸”, dentre outros. Essa criação e reconhecimento de uma marca autoral para os autores tem um reflexo no reconhecimento e nos salários. Enquanto no cinema o diretor tem seu nome divulgado e creditado de forma mais evidente, também recebendo um salário maior, no campo das telenovelas, séries e minisséries é o nome do autor que aparece em maior evidência, também refletindo na diferença salarial entre ambos os profissionais.

Mesmo ainda tendo esse reconhecimento no campo televisivo, existe um descaso com a profissionalização de pessoas na área de roteiro no Brasil. Chega a ser injusto comparar o investimento no campo audiovisual brasileiro com o de países mais desenvolvidos, como os Estados Unidos ou o continente europeu. E, sendo um campo caro, as áreas de produção e pós-produção acabam concentrando uma boa parte do dinheiro, já que exigem investimentos em

⁵ CIDADÃO KANE. Direção de Orson Welles. Roteiro de Orson Welles; Herman J. Mankiewicz; John Houseman; Mollie Kent; Roger Q. Denny. Produção: RKO Pictures; Mercury Productions. Estados Unidos, 1941. Filme.

⁶ CAMINHO DAS ÍNDIAS. Criação de Glória Perez. Direção de Marcos Schechtman. Produção: Rede Globo. Brasil, 2009. Telenovela.

⁷ SALVE JORGE. Criação de Glória Perez. Direção de Marcos Schechtman. Produção: Rede Globo. Brasil, 2012. Telenovela.

⁸ O CLONE. Criação de Glória Perez. Direção de Jayme Monjardim. Produção: Rede Globo. Brasil, 2001. Telenovela.

tecnologia. E, com essas limitações existentes no audiovisual brasileiro, uma das partes mais importantes de uma produção acaba desfalcada, o que é refletido diretamente nas obras, que, além de já não terem um volume tão grande, acabam não possuindo uma qualidade elevada.

O roteiro é, inegavelmente, uma das partes mais importantes da produção audiovisual. É a partir do roteiro que é feito o orçamento para a produção de qualquer obra e a estruturação das partes de pré-produção, produção e pós-produção. A falta de reconhecimento financeiro acaba sendo um reflexo direto de não existir uma necessidade do uso de vários equipamentos na área. Um roteiro pode ser totalmente concebido por uma pessoa com um lápis e algumas folhas de papel. Essa facilidade do ponto de vista financeiro acaba, muitas vezes, fazendo com que o roteiro e seu profissional responsável sejam esquecidos em alguns momentos.

Apesar das dificuldades, o roteiro é um campo em crescente no Brasil e no resto do mundo. Com o desenvolvimento tecnológico, algo que era extremamente caro como o audiovisual tende a ficar cada vez mais acessível, o que desperta o interesse de cada vez mais pessoas para a área, o que faz com que todo o esquema de produção cresça. Assim, criadores de histórias de todos os tipos acabam sendo cada vez mais atraídos para tal modalidade. As políticas públicas e leis de fomento à cultura são essenciais no auxílio desse crescimento, uma vez que o Brasil não tem uma tradição de fazer cinema por parte da iniciativa privada, e faz com que o país cada dia mais cresça nessa direção. Essa acessibilidade crescente faz com que mais pessoas conquistem seu lugar no mercado, não sendo necessário mudarem até mesmo de país para conquistar essa realidade. É claro que, em outros países e até em certos estados, como acontece no eixo Rio-São Paulo, existe uma facilidade maior de fazer cinema, mas a simples existência do campo em outras regiões já é um grande passo na direção de uma área cada vez mais democrática e acessível.

A importância do roteiro na cadeia de produção brasileira e global é indiscutível. Sendo o primeiro passo para se começar qualquer produção em qualquer campo do audiovisual, é dele que nasce o projeto. Um roteiro organizado e bem estruturado é sinônimo de uma produção que caminhe para esse mesmo lugar. Com o passar do tempo e com a evolução dos modos do fazer audiovisual, a tendência é que esse campo adquira cada vez mais relevância e importância dentro do mercado, e seus profissionais sejam mais reconhecidos em todas as modalidades desse campo.

1.2 Gênero Dramático e Sua Aplicação

O primeiro norteador de uma obra é o gênero escolhido para retratá-la. Não atoa a discussão de qual o gênero favorito de uma pessoa é tão comum. Pessoas que gostam de comédia, pessoas que não gostam de terror, dentre outros. Assim sendo, a escolha de um gênero tem que ser uma escolha muito bem pensada pelo escritor, uma vez que escolher um gênero é saber que algumas pessoas e grupos serão mais bem atingidos por essa obra, e outros não serão influenciados com a mesma potência.

O ponto que imediatamente chama atenção nessa releitura é o gênero escolhido para abordar a história. Enquanto a obra clássica de Machado de Assis é um drama, *Dom Bentinho* é uma comédia. Mas por que mudar de forma tão brusca um livro tão renomado? Desde a primeira vez que li *Dom Casmurro*, percebi o quão facilmente a história poderia ser uma comédia aos olhos do público. Apesar do drama ser um gênero bastante sério, Machado de Assis dá toques de comédia em diversos pontos em seu livro, seja para trazer respiros à obra, para entreter o público ou até mesmo em características ridículas de seus personagens. A loucura de Bentinho, por exemplo, torna o personagem um tanto quanto caricato, o que abre uma ponta de comédia em torno de si.

Explorar a obra por esse lado acabou, em parte, sendo tentador para mim. Enquanto lia o livro, sentia que essa abertura para a comédia estava lá, e a releitura permite a exploração de um novo gênero. Além disso, pode existir um alcance maior de público na comédia, já que a cultura brasileira pode ter uma aproximação maior com este gênero, ainda mais levando em conta as *situation comedys*, ou *sitcoms*, que são essas séries que mostram o dia a dia das pessoas. Esse tipo de série está enraizado na cultura audiovisual não só do Brasil, mas também em grandes mercados, como é o caso dos Estados Unidos. Séries como “A Grande Família”, “Os Normais⁹”, “Friends¹⁰” ou “The Office¹¹” marcaram e marcam gerações inteiras. Sendo assim, dessas observações é que surge a ideia de *Dom Bentinho*.

⁹ OS NORMAIS. Criação de Fernanda Young e Alexandre Machado. Direção de José Alvarenga Jr. Produção: Rede Globo. Brasil, 2001–2003. Série de televisão.

¹⁰ FRIENDS. Criação de David Crane e Marta Kauffman. Produção: NBC; Bright/Kauffman/Crane Productions; Warner Bros. Television. Estados Unidos, 1994–2004. Série de televisão.

¹¹ THE OFFICE (EUA). Criação de Greg Daniels, baseado na série original britânica criada por Ricky Gervais e Stephen Merchant. Produção: NBC; Deedle-Dee Productions; Reveille Productions; Universal Television. Estados Unidos, 2005–2013. Série de televisão..

Tendo sua origem na Grécia antiga, a comédia é um dos gêneros mais antigos conhecidos pela humanidade. Com o passar do tempo, ela foi mudando e se dividindo em diversas subcategorias diferentes, mas sem nunca perder sua essência: o riso. O riso é a base de qualquer comédia, seja ela mais pastelão ou dramática.

Por ser um gênero com base no riso, a comédia acabou se tornando popular, no sentido de ser de fácil acesso. Por outro lado, isso acabou condenando-a no meio crítico, sendo considerada por muitos como um gênero inferior ao drama, por exemplo. É exatamente isso que cita Stella Pereira Aranha em seu artigo “MEDIACÃO DO CINEMA BRASILEIRO: o gênero comédia e a linguagem cinematográfica como categorias mediadoras dos filmes longa-metragem nacionais no período da Retomada (1993-2013)”:

“Alcides Ramos (2005) destaca que outros pensadores da antiguidade também pensavam da mesma forma, como, por exemplo, Platão, Cícero, Quintiliano e Sêneca. Para eles, a tragédia tinha caráter elevado, era uma linguagem mais rebuscada, dada a representar personagens nobres, culminando em catarse, enquanto a comédia reduzia-se a imitação dos homens baixos. Tal concepção fundamentou uma tradição que imperou durante muito tempo e, ainda hoje, justifica juízos de valor defendidos por críticos, historiadores da arte e pelo público erudito, como, por exemplo, a distinção entre o humor grosseiro, frequentemente associado à massa, e o humor apurado, sutil, refinado, destinado ao espectador culto.” (ARANHA, 2014, p. 97)

A minha escolha pelo gênero da comédia vem exatamente desse raio maior que pode ser alcançado no público. Desde sua criação, a comédia está atrelada às massas, apesar de haver um preconceito para com ela, no qual os estudiosos acreditavam que a mesma seria uma forma inferior se comparada com o drama. O grande ponto da obra original é o triângulo amoroso criado pelo público e que gera discussões até os dias de hoje. O leitor acompanha toda a história do ponto de vista de Bentinho, que acredita que sua mulher e seu melhor amigo têm um caso, informação essa que nunca foi confirmada na obra. Nessa releitura, o triângulo amoroso é formado em tela, mas o público não é esquecido, já que este está sempre presente quando a comédia é pensada. Stella Pereira Aranha não se esqueceu de nos lembrar sobre isso:

“A comédia tem uma peculiaridade: o espectador é

precípua. Segundo Andrew Horton, (1991, p.9, apud VASCONCELOS, 2012, p.19, grifo nosso): “[...] enquanto os textos trágicos e melodramáticos tendem a esconder seu artífice de maneira a envolver o público emocionalmente, textos cômicos tendem a reconhecer a presença do leitor/espectador revelando, portanto, o artífice do texto”. Talvez por isso a comédia configura-se como um entretenimento da massa, porque ela considera desde o início o outro.” (ARANHA, 2014 p. 98-99)

A autora traz um ponto muito interessante que é essa participação do público na comédia, algo que é ainda mais explorado nas *sitcoms*, sendo caracterizadas por seus poucos cenários e baixo custo, também podendo fazer uso de uma plateia. Quando a plateia não era utilizada, algumas séries ainda optavam por inserir risadas de plateia de fundo. Essa é uma tradição estadunidense, que foi bastante usada em séries de comédia até o início dos anos 2010, mas que vem caindo cada vez mais em desuso, já que este costume serviria para substituir a plateia que ficava presente no estúdio em produções mais antigas. No Brasil, o uso dessas risadas enlatadas nunca foi comum, mas a plateia de verdade foi sim utilizada em diversos momentos. Algumas produções famosas fizeram uso desse recurso ao longo do tempo, como foi o caso em “Sai de Baixo¹²” e “Vai Que Cola¹³”. Nesse tipo de série, a plateia pode ser vista nas gravações, realmente compondo uma parte do quadro dessas produções.

Dom Bentinho não foi pensado para conter risadas enlatadas ou ser gravado com público presencial, mas esse recurso ainda é utilizado nos dias de hoje, que é o que acontece em “Forróbodó da Paixão”, por exemplo, uma série gravada no ano de 2024 em Salvador-BA, escrita por Caio Guerra, Letícia Simões e Claudio Simões. Nela, acompanhamos a história de Legítima, uma cozinheira do “Bar da Paixão” que, após a morte do dono do estabelecimento, precisa dar um jeito de manter o lugar aberto. É uma série atual pensada e feita nesses moldes, com o público presente.

O diferencial de Dom Bentinho é fazer a releitura de um livro de Machado de Assis com o tom da comédia presente. Ao deixar a adaptação de lado e apostar na releitura, aqui não só chama a atenção das pessoas que já conhecem a obra original, mas abre também espaço para os

¹² SAI DE BAIXO. Criação de Luis Gustavo, Daniel Filho e Cleusa Maria. Direção de Dennis Carvalho. Produção: Rede Globo. Brasil, 1996-2002. Série de televisão.

¹³ VAI QUE COLA. Criação de Leandro Soares. Direção de César Rodrigues. Produção: Multishow. Brasil, 2013-presente. Série de televisão.

fãs de um gênero tão grande quanto a comédia. Pode-se traçar um contraponto com isso usando como exemplo a minissérie “Capitu”, criada por Luiz Fernando Carvalho e produzida pela Rede Globo em 2008. Na obra, a história do livro é adaptada e o gênero original, o drama, é mantido. É uma adaptação que almeja a fidelidade para com o livro que a inspira, diferentemente de Dom Bentinho, que utiliza a liberdade fornecida pela releitura para criar uma história nova, sendo diferente da obra original e das suas adaptações.

Por ser uma releitura, tomo a liberdade de criar, à luz da contemporaneidade e de outro gênero, uma outra possibilidade. Para isso, faço uso de alguns dos elementos concebidos na obra original. Um dos exemplos dessas modificações é a criação de um triângulo amoroso em que Capitu e Escobar disputam por Bentinho. É um espaço que, para mim, cabe no gênero da comédia aplicado a esta releitura, sendo uma forma de surpreender o público que já conhece a obra original. Tais mudanças me permitem criar um material leve e cômico, podendo atingir diversos tipos de público.

1.3 Temáticas Abordadas

Com a mudança na sexualidade do personagem principal, Bentinho, a principal temática abordada por essa releitura é a construção de identidade LGBTQIA+. Bentinho começa a série se identificando como uma pessoa hetero, mas, logo no primeiro episódio, começa a sentir atração por Escobar, um homem gay. Por ser a primeira vez que Bentinho se sentiu assim, acompanhamos o protagonista lidando com esses novos sentimentos e se descobrindo ao longo da narrativa da série. Esse “descobrimento” é de extrema importância, já que é algo vivido por qualquer pessoa que faça parte da comunidade LGBTQIA+, uma vez que fomos criados em uma sociedade que parte da heterossexualidade como o ponto comum e de partida para todos os indivíduos.

Pensando nesse ponto, não posso deixar de citar um trecho do livro “Com Amor, Simon (Becky Albertalli, 2015)”, em que o personagem principal passa por dificuldades na hora de contar para seus pais que é um homem gay. No livro, ele imagina seus amigos contando para seus pais que são heterossexuais. Algo do tipo desperta minha atenção por dois motivos. O primeiro deles é essa preocupação de se pronunciar sobre a sua sexualidade para seus pais. Como geralmente é na adolescência que as pessoas começam a se sentir atraídas por outras, é nessa idade que as pessoas LGBTQIA+ têm que “sair do armário” para seus amigos e família. Claro

que não digo isso como sendo uma regra ou obrigação, mas sim um relato de como geralmente acontece. Como nessa fase a maioria das pessoas ainda vive com seus pais, esse tipo de informação chega a eles de alguma forma, e as pessoas tendem a evitar conflitos que possam ser proporcionados pela chegada de tais informações sendo ditas por terceiros. Infelizmente, tais conflitos acabam ocorrendo de qualquer forma, já que a aceitação para com as pessoas LGBTQIA+, apesar de ser crescente, ainda não está em um nível aceitável.

Existem ainda diversos outros preconceitos na forma como tais pessoas desenvolvem seus interesses amorosos. Um exemplo comum disso é como algumas pessoas acreditam que bissexuais se relacionam. A bissexualidade é constantemente atrelada ao pensamento errôneo de dúvida, uma vez que algumas pessoas acreditam que eles não decidem se estão atraídas por homens ou mulheres. Outros ainda pensam que tais pessoas sentem atração pelos dois ao mesmo tempo, possuindo o desejo de sempre ter um namorado e uma namorada, por exemplo. Tais modalidades de relacionamento existem, tendo como exemplos o poliamor, poligamia, dentre outros, mas não significa que pessoas bissexuais sempre desejem ter tais tipos de relacionamentos. As possibilidades de relacionamento são das mais diversas, mas isso não significa que pessoas que se identificam como LGBTQIA+ estejam presas a tais formas, assim como não significa que pessoas heterossexuais só se relacionem de forma monogâmica.

O outro ponto, sendo um paralelo a isso, é a observação de que parece existir algo parecido com as meninas. Independentemente de serem ou não parte da comunidade LGBTQIA+, algumas mulheres acabam passando por um receio de contar para seus pais quando começam a sentir interesse por outras pessoas. Por existir esse preconceito em relação à mulher em um relacionamento, parece haver uma obrigação para que os homens consigam uma parceira o quanto antes e que as mulheres demorem o máximo possível para fazer o mesmo, atrelando uma fama de “ganhão” aos homens que se relacionam com várias mulheres, mas surtindo um efeito inverso às mesmas, que acabam sendo diminuídas por isso. Aqui, eu disserto sobre crenças antiquadas e que perdem cada vez mais força entre as pessoas, não sendo de maneira nenhuma um reflexo das minhas opiniões acerca dos assuntos tratados.

Outro ponto importante é como essa descoberta por parte de Bentinho impactará seus laços de amizade para com seu grupo. Buiu é amigo de Bentinho desde sua infância, e Bentinho sente vergonha de desabafar com ele sobre seus novos sentimentos, o que cria um impasse entre os dois, uma vez que Bentinho, que sempre pôde conversar sobre tudo com seu melhor amigo, se sente travado. Anita é a primeira personagem com quem Bentinho consegue conversar. Sendo melhores amigos há alguns anos, ela o entende e acolhe seus sentimentos, sendo importante para

a caminhada desse personagem, uma vez que ele encontra em sua amiga um porto seguro para poder conversar sobre esse novo lugar onde ele se encontra. Capitu, ex-namorada de Bentinho, é a que reage da pior forma, por ainda ter sentimentos por ele. Isso impacta Capitu uma vez que Bentinho parece conseguir seguir em frente com alguém que, além de ser novo na realidade deles, é um homem, o que, sendo algo novo para o protagonista, afasta a relação que existiu entre os dois.

Sendo um homem que se identificou como heterossexual durante toda a sua vida, o protagonista teme um afastamento com um outro homem que também se identificou e se identifica como heterossexual após a revelação da sua sexualidade. Bentinho tem medo de perder seu amigo por não saber como ele reagiria, já que, apesar de serem amigos de infância, ele não sabe o que esperar da sua reação diante de uma revelação desse tipo.

Esse tipo de preocupação acaba sendo um tanto quanto comum na realidade, o que traça um reflexo para reações desse tipo na ficção também. Em “How I Met Your Mother”, Barney (Neil Patrick Harris) tem um irmão chamado James (Wayne Brady). Barney é conhecido desde o início da série por ser um homem acostumado a se relacionar com várias mulheres, seguindo a caricatura de homens mulherengos. Quando James é apresentado, descobrimos que ele é um homem gay, mas nenhum dos personagens se sente incomodado ou diferente frente a essa informação, nem mesmo Barney. O paralelo para esse preconceito é traçado quando James revela que está namorando com uma pessoa, e que pensa em se casar. Barney é contra o casamento, e eles relacionam isso com algumas críticas às pessoas que são contra o casamento homoafetivo e até mesmo relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Esse é um grande exemplo de como um tema importante é retratado em uma série de humor de forma séria, ao invés de ser desrespeitoso e preconceituoso.

A criação de novas relações é uma temática também muito importante na série, uma vez que é a apresentação de Escobar que funciona como ponto de partida para o início da descoberta de Bentinho. Além disso, a proximidade entre Anita e Alexandre é um impasse na história, uma vez que ela e Buiu são namorados e ele não sabe sobre Alexandre. Capitu fica incomodada com a aproximação de Escobar e Bentinho, o que mexe com a funcionalidade do grupo.

O grupo principal já funcionava quase como uma família. São pessoas que se juntam praticamente todos os dias para conversar e interagir entre si. Nem mesmo Bentinho e Capitu, que passaram por um término que nenhum dos dois conseguiu superar totalmente, deixam de se encontrar sempre com o grupo. Esse tipo de relação, muitas vezes, tem um acolhimento melhor do que o da própria família. Relações de amizade no geral são escolhidas e desenvolvidas ao

longo do tempo, e pessoas que mantêm amizades de anos escolhem diariamente manter as mesmas, diferentemente das relações sanguíneas, que possuem uma espécie de obrigação muitas das vezes. A inserção de uma pessoa nova nesse grupo traz um certo tipo de abalo por tirar os personagens da sua zona de conforto. Até mesmo Buiú, que já conhecia esses dois mundos diferentes, acaba sentindo um pouco a pressão de construir essa ponte para que tudo permaneça confortável.

Estando inseridos em um grupo originalmente com pessoas exclusivamente heterossexuais, Bentinho teme que haja uma mudança na forma com que eles se relacionam, principalmente com Buiú, por conta dos diversos fatores já citados que fazem com que o indivíduo não-heterossexual masculino se preocupe mais com essas relações. Essa nova possibilidade de uma identidade sexual por parte do protagonista modifica o grupo, e esse é um dos dilemas que Bentinho deve passar no decorrer da obra, descobrindo como contar a seus amigos e como ficará o grupo após a revelação.

Por fim, uma janela para novas práticas de amor é aberta. Bentinho não está decidido sobre seus sentimentos sobre Capitu, e começa uma relação com Escobar. Além disso, existe em Anita a dúvida sobre o que fazer com o seu relacionamento, já que não quer terminar com Buiú, mas também tem um caso com Alexandre. Essa janela permite aos personagens experimentarem novas práticas amorosas, podendo dar espaço para a introdução de um relacionamento aberto, poliamor ou outras práticas amorosas não-monogâmicas.

Apesar de serem taxadas como algo impuro ou errado por grande parte da sociedade, as práticas amorosas não-monogâmicas existem há um bom tempo nas mais diversas partes do mundo. Em algumas religiões, existe uma espécie de permissão divina para que o homem tenha mais de uma esposa, como é o caso do islamismo. Por ser uma religião fortemente disseminada na África, diversos países desse continente permitem o casamento com mais de uma pessoa simultaneamente, mas essa prática existe há muito tempo em outros lugares do mundo, sendo também bastante popular na Ásia. Isso prova que tal tipo de relacionamento já é algo antigo no mundo.

A sua prática sem embasamento religioso é cada vez mais comum, refletindo também em outras modalidades de relacionamento que não se prendem somente à poligamia, como é o caso do poliamor. Enquanto a poligamia é o casamento com várias pessoas, estabelecendo uma união estável, no poliamor existe um tipo de liberdade entre as duas pessoas, existindo a possibilidade de se relacionar e conhecer outras pessoas.

1.4 O Exercício da Linguagem

Quanto à linguagem abordada, a série é capitular com um alto grau de continuidade. Diferentemente de algumas séries onde você pode pular alguns episódios e se ater à história, como acontece em “Os Simpsons”, por exemplo, aqui é necessário que o espectador acompanhe todos os episódios para entender o todo. Apesar de não ser exatamente o padrão, uma vez que algumas séries de comédia acabam deixando a história mais diluída para que o espectador não precise acompanhar tudo, por se tratar de uma série, optei por fazer com que “Dom Bentinho” funcionasse assim, visando um menor número de episódios. Apesar de ser maior, esse formato é parecido com o utilizado em “Tapas e Beijos”, a famosa série brasileira protagonizada por Fernanda Torres e Andréa Beltrão. Nela, acompanhamos Fátima e Sueli e a vida amorosa conturbada de ambas. A série tem uma continuidade mais solta que a de “Dom Bentinho”, mas, ainda assim, mais precisa do que quando comparada com outras séries brasileiras de sucesso, como “A Grande Família” por exemplo.

Essa escolha estimula o espectador para que ele assista todos os episódios, para assim compreender a história, podendo fidelizar o público para com a série. O espectador pode vir a ficar preso na história, criando uma necessidade de entender o que vai acontecer, assistindo os outros episódios. Essa fidelização cria um público recorrente para a série, podendo fazer com que ela adquira popularidade e abra espaço para divulgação, continuidade da história, retorno financeiro, dentre outros pontos. Ter um público que acompanha a série como um todo pode fazer com que seja criada uma relação duradoura com o espectador.

A escolha de fazer uma releitura sobre a obra clássica de Machado de Assis em formato seriado se dá à possibilidade de explorar a história em diversos episódios diferentes. O conceito de serialidade seria, de acordo com João Senna Teixeira em seu artigo “Regimes de Serialidade”:

“Serialidade é uma relação entre diversas partes que formam um conjunto e que se relacionam a partir de um balanço entre semelhanças entre as partes (que permitem o reconhecimento do conjunto) e diferenças entre elas (que permitem que cada parte seja percebida como algo separado das outras).” (TEIXEIRA, 2020, p.12)

Aqui, o autor disserta sobre o conceito de serialidade, uma relação entre diversas unidades diferentes dentro de um conjunto. Em Dom Bentinho, por exemplo, essa semelhança existe na utilização do mesmo núcleo de personagens durante os diferentes episódios da série, e no

acompanhamento de como as histórias deles acabam evoluindo.

A serialidade possui diferentes regimes para dividir seus tipos de tramas. Em seu artigo supracitado, “Regimes de Serialidade”, João Senna Teixeira divide esses regimes em quatro categorias diferentes, sendo elas: Iterativa, Espiral, Quase Saga e Saga. Essa divisão acompanha como a continuidade da história é retratada nas suas sequências. Cito aqui novamente o artigo de João Senna Teixeira para esclarecer como são divididas cada uma dessas categorias:

Iterativa: trama termina ao final da parte, e não há consequências ou continuidade para a parte seguinte. Espiral: trama termina ao final da parte, não há continuidade, mas há consequências para a parte seguinte. Quase saga: trama se prolonga por múltiplas partes, com continuidade e consequências entre elas, mas não necessariamente com as partes anteriores e posteriores. Saga: trama se prolonga por múltiplas partes com continuidade e consequências ao longo de toda a série; é baseada na sucessão de arcos narrativos. (TEIXEIRA, 2020, p. 24)

Dentro dos moldes descritos pelo autor, Dom Bentinho é uma quase saga. A história acontece de forma contínua e as consequências de um episódio repercutem sim ao longo da história, mas não existe uma necessidade de acontecer durante todo o percurso dos personagens. Nas quase sagas, existem arcos que acompanham a história de forma retilínea e, entre esses arcos, episódios soltos, que não necessariamente utilizam a mesma história que estava acontecendo no episódio anterior. É um formato comumente utilizado nas séries do gênero de comédia, principalmente dentro do gênero das sitcoms.

Como já citado, quase saga é um regime comum dentro das sitcoms. É o caso de séries como “How I Met Your Mother”, “Tapas e Beijos”, “Os Normais”, dentre outras. Nesse formato de série, é possível explorar determinados arcos dentro de um recorte limitado de episódios, mas não necessariamente ficar preso nesses arcos durante toda a história. João Senna Teixeira explica que determinadas séries podem ter mais de um tipo de regime, o que garante uma certa fluidez à forma como os episódios são distribuídos dentro de uma ou mais temporadas. Em seu artigo “Regimes de Serialidade”, ele explica as combinações possíveis entre esses regimes, sendo elas:

“Paralelo: quando duas ou mais tramas são desenvolvidas na mesma parte, mas não há relações entre elas. É uma estratégia interessante para a utilização de múltiplas personagens, ou para o foco em personagens diferentes. Sobreposição: quando uma trama

serve como comentário ou como motivação para outra, de modo a influenciar o desenvolvimento da segunda. Normalmente, a sobreposição é utilizada para que uma trama pouco continuada influencie outra, do tipo continuada, e a faça se mover. Entrelaçamento: quando duas ou mais tramas dependem uma da outra para se desenvolver. Esse recurso costuma ser utilizado para construir situações mais complexas e maximizar o efeito dramático, já que há consequências maiores para cada uma das tramas.” (TEIXEIRA, 2020, p. 28)

Essas fusões de regimes garantem uma naturalidade maior à disposição de episódios de uma série, podendo também ser usada para prender a atenção do espectador em certos momentos da história. Em *Dom Bentinho* e nas mais diversas séries, é comum que mais de um tipo de combinação de regimes aconteça, sendo bastante comum que todos aconteçam pelo menos uma vez em qualquer que seja a obra.

Por conta dos investimentos recentes que foram feitos no Brasil e na Bahia no gênero de *sitcom*, escrever *Dom Bentinho* se tornou uma possibilidade a meu ver, uma vez que parece existir um espaço de aceitação para com o gênero no nosso mercado, o que pode gerar retorno tanto financeiro quanto de reconhecimento.

2. O Processo de Criação

2.1 As Possibilidades Metodológicas

Como já foi citado algumas vezes no texto, eu tenho um amor de longa data por *sitcons*. Ao longo da minha infância, assistir a essas séries era um grande passatempo. Mas, até então, eu nunca tinha me envolvido de verdade com elas. Eu sempre as assisti de forma esporádica, fora de ordem, e pulava alguns episódios, já que, por acompanhá-las na tv aberta, a transmissão não era feita de forma linear, com todos os episódios de uma temporada sendo exibidos em ordem e, mesmo que fossem, eu não os assistia todos os dias. Isso tudo mudou com “*How I Met Your Mother*”. Essa foi a primeira série de comédia que assisti do início ao final e por ordem, e acho que por isso eu desenvolvi um apego tão grande não só pela série em si, mas também pelo gênero. E é daí que surge minha grande inspiração para escrever um projeto de *sitcom*.

É claro que, se tratando de uma releitura de “Dom Casmurro”, eu não poderia deixar de citar a obra. Mas, como já discorri sobre a inspiração no livro mais acima no texto, não repetirei aqui tais palavras. Em “*How I Met Your Mother*”, a vida dos personagens muda com a introdução de um novo membro ao grupo, por quem o protagonista sente um interesse imediato. É exatamente desse ponto que se inicia Dom Bentinho, mas essa introdução de um novo personagem inicia um triângulo amoroso, que é um ponto marcante existente no clássico livro de Machado de Assis.

O desenvolvimento inicial dessa ideia se deu em sala de aula, na disciplina “Tópicos Especiais Em Cinema Contemporâneo”. Nas aulas, aprendemos a elaborar os elementos que compõem uma bíblia de série, que é uma espécie de compilado com as informações iniciais mais importantes do projeto, comumente usado para vender a ideia da série para produtoras. É na bíblia de uma série que devem constar as principais informações da ideia, como *logline*, conceito, sinopses, referências e outras informações importantes. Para além disso, os criadores podem também adicionar informações que tornem o material mais vendável, como colocar atores que poderiam interpretar determinados personagens, por exemplo. A bíblia é o material essencial para a realização de qualquer material seriado.

Depois da ideia, a primeira coisa que fiz foram a *logline*¹⁴ e o conceito¹⁵. Desenvolver o conceito é o primeiro norteador do trabalho em si, já que deve ser elaborado logo após a ideia. O conceito de uma série é a linha que vai guiar não só os personagens, mas também o escritor ao longo da história, já que é a primeira vez que temos um texto um pouco mais extenso do que se

¹⁴ A *logline* está presente na bíblia da série, no capítulo 3.

¹⁵ O conceito está presente na bíblia da série, no capítulo 3.

trata a história como um todo. Ao elaborar Dom Bentinho, o conceito foi a segunda coisa trabalhada após a história, sendo a primeira a *logline*, mas ambos podem ser desenvolvidos juntos, tendo sido separadas por conta de um contexto de metodologia em sala de aula.

Para a *logline*, o professor Gildon Oliveira me disse que eu tinha que seguir dois passos: na *logline*, alguma coisa acontece e alguma coisa precisa ser feita. Ela é essencial no processo de criação de uma narrativa seriada, uma vez que tais narrativas podem ser estendidas de acordo com a vontade da produtora ou de seus criadores, ou podendo ser encerradas antes do previsto. Assim sendo, é vantajoso que se tenha mais de uma opção de encerramento quando se pensa nesse tipo de história. A partir disso, foi elaborada uma frase que pudesse conter esses dois pedaços da história. Assim nasce o primeiro guia norteador de uma história. Uma boa *logline* desperta a curiosidade do leitor inicial, levando ao próximo passo: a *storyline*¹⁶. Na *storyline*, o autor aumenta as informações sobre a história, trazendo mais alguns detalhes sobre os personagens e a sua trama. A *storyline* é o primeiro guia da história como um todo. Em sua tese de doutorado, o doutor Gildon Oliveira disserta sobre alguns termos comuns do audiovisual. A seguir, cito sua definição de *storyline*:

“No cinema a *storyline* é trabalhada como uma segunda etapa de um processo de criação de uma narrativa, acontecendo logo após a ideia. Em tradução simples, o termo carrega o significado de “linha da história”, mas a prática mostra que esta fase ocupa mais do que uma linha, concentrando alguns princípios, como: o verbo deve ser usado no tempo presente (uma convenção que sugere a impressão de que se vê com mais clareza o desenvolvimento da ação na história); deve apresentar o conflito central da história, sem a preocupação com a nomeação das personagens ou os lugares onde se desenrolam as ações. A elaboração de uma *storyline* eficaz dá conta de três pontos: alguma coisa acontece, alguma coisa precisa ser feita em relação ao que aconteceu e o resultado do que foi feito. A *storyline* funciona sempre como uma bússola apontando a direção para onde o desenvolvimento da obra deve seguir, pois desse jeito os roteiristas podem lembrar qual é o sentido da história que desejam contar.”
(OLIVEIRA, 2018, p. 80)

¹⁶ Não foi realizada uma *storyline* para Dom Bentinho.
Created using Celtx

Além desta, trago também o conceito de *storyline* por Doc Comparato, renomado roteirista brasileiro, em seu livro “Da Criação ao Roteiro”:

“Mas a ideia audiovisual e dramática deve ser definida através de um conflito essencial. A este primeiro conflito, que será a base do trabalho do roteirista, chamaremos conflito-matriz. Embora a ideia seja algo de abstrato, o conflito-matriz deve ser concretizado por meio de palavras. Começa aqui o trabalho de escrever: fazemos um esboço e começamos a imaginar a história, tendo como ponto de partida uma frase a que chamamos de *story line*. Assim, a *story line* é a condensação do nosso conflito básico cristalizado em palavras.” (COMPARATO, 2000, p. 23)

Apesar de algumas diferenças na forma de explicar e conceituar, tanto Gildon Oliveira quanto Doc Comparato dizem o mesmo sobre a essência da *storyline*: uma frase que sirva como uma espécie de resumo do principal conflito da obra. Por ter uma descrição do final da obra, as *storylines* não são comumente utilizadas nas narrativas seriadas, tendo seu uso fortemente relacionado ao cinema. Porém, em narrativas que já tem um final previsto, como é o caso das minisséries, sua presença é maior.

Após isso, foram concebidas a sinopse geral¹⁷ da série e a macro escaleta¹⁸, e só depois a sinopse dos episódios¹⁹, já que é na macro escaleta que ocorre a divisão da história em capítulos. Na sinopse geral, é descrita a história inicial da primeira temporada da série, descrevendo os personagens e o evento que faz com que a série se inicie. É aqui que o leitor pode ver os eventos mais importantes que ocorrerão no decorrer da história. As sinopses dos episódios são descrições mais detalhadas do que acontece em cada um dos episódios. Aqui já dá para notar os ganchos que acontecem em cada um desses episódios e o que faz a série seguir, mostrando o desenvolvimento da história. Volto a citar a tese de doutorado do doutor Gildon Oliveira, onde ele faz uma descrição sobre o que é a sinopse:

“O termo é utilizado tanto para o cinema como para outros formatos, porém com acepções diferentes. No cinema a ideia de sinopse é de uma etapa após a *storyline* e anterior ao argumento. Um crescimento paulatino que permite ao roteirista começar a desenvolver mais a história que deseja roteirizar. Nos seriados,

¹⁷ A sinopse geral está presente na bíblia da série, no capítulo 3.

¹⁸ Não foi realizada uma macro escaleta para Dom Bentinho.

¹⁹ A sinopse dos episódios está presente na bíblia da série, no capítulo 3.

telenovelas, minisséries, etc., a sinopse aproxima-se da ideia do que é o argumento para o cinema, porém atendendo a demandas específicas do meio.” (OLIVEIRA, 2018, p. 82)

Geralmente em séries maiores, após a ideia ser concebida, o escritor faz a macro escaleta. É aqui que o autor consegue ter uma ideia da visão geral da série, organizando os eventos e podendo fazer mudanças em seu desenvolvimento. Digo geralmente porque acabei não fazendo esse processo, partindo direto da sinopse para a escrita do roteiro, apesar de não ser o processo comumente utilizado, já que isso acaba tornando mais complicada a vida do escritor. Por não ter a história e seus eventos já separados, o escritor acaba tendo que fazer voltas na hora de revisar, reorganizando alguns acontecimentos, retirando outros ou acrescentando. O processo de preparação da macro escaleta, apesar de parecer mais difícil e ser mais trabalhoso, é importantíssimo na parte organizacional, fazendo com que o roteirista poupe tempo quando for escrever os roteiros de cada episódio. Na criação dessa série, acabei passando meses fazendo revisões do material, auxiliadas por sugestões de alguns amigos que leram os roteiros e do professor Gildon Oliveira. A cada revisão, o material era refinado e direcionado para tomadas de decisões mais inteligentes. Com o uso de uma macro escaleta, tais revisões poderiam ter sido feitas com antecedência e sem a necessidade de escrever todo o roteiro para que o mesmo pudesse ser alterado posteriormente. Acrescento que só foi possível realizar a série desta forma por conta do seu baixo número de episódios. Em séries maiores, possuindo vinte episódios, por exemplo, seria impossível não elaborar uma macro escaleta.

Após estruturar os episódios na macro escaleta, é comum que sejam feitos os argumentos de cada episódio. Trago aqui o conceito de macro escaleta, de acordo com o doutor Gildon Oliveira, em sua tese de doutorado:

“Configura-se mais como um recurso de trabalho do que uma etapa de processo de criação. A macroescaleta, como o nome sugere, é a ordenação de uma escaleta numa escala muito maior e voltada para obras que tenham um número elevado de episódios ou capítulos. Um seriado, uma telenovela, uma minissérie, narrativas que tem na sua composição trama e subtramas podem apresentar a necessidade de elaboração de uma macroescaleta para ter controle da distribuição de eventos, acontecimentos, pontos de viradas das tramas principais e secundárias. Alguns profissionais fazem uso de uma macroescaleta para determinar quando acontece o que

chamam de pontos-estacas, porque formam os pilares do enredo. Grosso modo é pensar numa distribuição considerando os efeitos que isso causa na estrutura como um todo.” (OLIVEIRA, 2018, p.84)

A macro escaleta, como informado acima, é a principal forma de organização para uma narrativa seriada, permitindo ao criador visualizar, de forma rápida, o caminho traçado ao longo da temporada. Na elaboração de *Dom Bentinho*, acabei não escrevendo uma macro escaleta. Apesar de ajudar, não vejo como exigência a elaboração de tal instrumento, uma vez que séries com um menor número de episódios não necessitam de algo do tipo. Voltando a citar *How I Met Your Mother* como exemplo, que é uma série que tem vinte e dois episódios em sua primeira temporada, seria impossível progredir na história sem a elaboração de uma macro escaleta, por conta do seu número extenso de episódios.

Em narrativas contendo um menor número de episódios, existe a possibilidade de elaborar um argumento²⁰ para cada um deles. Em meu processo, acabei não seguindo por esse caminho, o que acabou gerando prós e contras. As sinopses dos episódios ajudam, até certo ponto, a ter um guia do que será desenvolvido no decorrer da temporada. Porém, por não ser muito detalhada, acabei gastando mais tempo organizando os episódios e preenchendo com algumas informações no momento da escrita, o que me fez passar por mais revisões até que o material fosse finalizado. O ideal, a meu ver, é elaborar os argumentos após a escrita das sinopses, processo que poupa o tempo do escritor. Dissertarei sobre argumentos mais à frente no texto.

Por último, são colocadas a descrição dos personagens²¹ e as referências²² utilizadas na escrita da série. A descrição dos personagens mostra as suas principais características, como idade, profissão, modos de agir e coisas do tipo, além de, geralmente, dizer qual o tipo de ator ou usar um ator de exemplo para entender qual o tipo de características físicas que são esperadas para aquele personagem em específico. Tais descrições são de extrema importância para a organização da história em si. Fazendo este tipo de observações, o escritor pode criar cenas melhores e retratar de forma precisa como os personagens agiriam sob determinadas situações. Somente um criador que entende e conhece seus personagens pode criar situações que fazem

²⁰ Não foram realizados argumentos para *Dom Bentinho*.

²¹ A descrição dos personagens está presente na bíblia da série, no capítulo 3.

²² As referências estão presentes na bíblia da série, no capítulo 3.

sentido para eles. As referências são as inspirações para que a ideia do projeto fosse pensada e o projeto pudesse ser desenvolvido. Elas servem como um norteador de conceitos que serão usados na série para que os produtores e as outras pessoas entendam qual o rumo que o roteirista pretende seguir. Ao compreender as referências de um autor, podemos entender como algumas decisões presentes em sua obra foram tomadas.

Como já foi, após essa divisão, são realizados os argumentos de cada episódio. Note que isso é comum em séries menores, não se aplicando a todos os meios de audiovisual. Nas telenovelas, por exemplo, é impraticável separar todos os episódios em argumentos, uma vez que tais narrativas podem possuir mais de duzentos episódios. Volto a citar a tese de doutorado do doutor Gildon Oliveira, que descreve o argumento dessa forma:

“Consiste na descrição (com os verbos no presente) do enredo em sua íntegra, com começo, meio e fim e na ordem de acontecimentos que se imagina quando a obra estiver pronta. Se o enredo não é linear (passado-presente-futuro) a escrita do argumento também não deve ser. O argumento tem maior detalhamento das ações e descrições de ambientes, inserção de mais personagens e subtramas, atentando para a exigência maior: escrever uma história pela criação de imagens, mostrando mais do que contando. Essa premissa pode ancorar a assertiva de que, para a criação dos filmes de ficção, o argumento é uma etapa que vem depois de uma sinopse, pois o argumento seria justamente o desenvolvimento da sinopse, dando mais detalhe e expandindo o mundo ficcional imaginado.” (OLIVEIRA, 2018, p. 81)

Doc Comparato, em seu já citado livro “Da Criação ao Roteiro”, descreve o argumento da seguinte forma:

“O desenvolvimento do personagem faz-se através da elaboração do argumento ou sinopse. Nessa fase começaremos a desenhar as personagens e a localizar a história no tempo e no espaço: a história começa aqui, passa por ali e acaba assim. (...) Na sinopse é fundamental a descrição do caráter das personagens principais. Por outras palavras, a sinopse é o reino da personagem. É ela quem vai viver essa história, onde e quando a situamos.” (COMPARATO, 2000, p. 25)

Aqui, é interessante notar como ambos os autores traçam a relação entre sinopse e argumento. Doc Comparato usa ambas as palavras para falar da mesma coisa, enquanto Gildon Oliveira diz que o argumento se trata da próxima etapa da sinopse, onde se desenvolve melhor a história. Também vale mencionar o holofote que Doc Comparato joga em cima das personagens nessa etapa da criação, já que são elas que viverão tal história. Para mim, pode-se dizer que o argumento é uma sinopse aumentada, onde o roteirista detalha mais a história, já podendo colocar um maior grau de dramaticidade. É no argumento que o roteiro começa a tomar sua forma final. Depois do argumento, a história é toda dividida em cenas, formando a escaleta²³. Em sua tese de doutorado, o doutor Gildon Oliveira argumenta da seguinte forma sobre a escaleta:

“A elaboração da escaleta consiste na composição de um cabeçalho que contém as informações mais relevantes: numeração da cena; local onde a cena se passa; referência sobre a luz ambiente (interior ou exterior) e sobre o horário (noite ou dia). Abaixo deste cabeçalho descreve-se a ação que acontece na cena, sem escrever os diálogos.” (OLIVEIRA, 2018, p. 84)

Aproveito também para citar o livro “Roteiro de Cinema e Televisão: A Arte e a Técnica de Imaginar, Perceber e Narrar uma Estória”, de Flávio de Campos, onde o autor define escaleta de tal forma:

“Escaleta é a descrição resumida das cenas de um roteiro, na sua sequência.” (CAMPOS, 2007, p. 305)

A escaleta é de suma importância uma vez que é o mais próximo que a história chega de ser um roteiro antes do roteiro propriamente dito. Nela, a produção pode visualizar as cenas que virão a compor o roteiro final. Não só isso, mas o roteirista também pode visualizar a história como um todo de forma mais precisa do que no argumento. No final do processo, os diálogos são acrescentados às escaletas, e o roteiro fica mais encaminhado, ainda alvo de modificações posteriores.

Se tratando de um material inicialmente desenvolvido em sala de aula, acabei não seguindo todas as etapas sobre as quais disserto acima, até porque criei um material não tão extenso e que, por conta disso, me permitiu burlar algumas etapas. Porém, perceba que falo sobre este tipo de metodologia por acreditar que seja a melhor maneira de trabalhar e garantir que a obra seja finalizada da melhor forma possível e, se tratando de projetos maiores, a metodologia é indispensável para o cumprimento da obra. Em projetos futuros, que serão desenvolvidos fora do

²³ Não foram realizadas escaletas para Dom Bentinho.

contexto acadêmico, pretendo seguir tais passos, o que acredito que diminuirá o tempo que passei focado em uma mesma obra e, além disso, resultará em um material mais refinado desde o seu primeiro tratamento. A escrita da bíblia da série e do piloto exige uma metodologia, porque é uma convenção dos modos de operação existentes no mercado de trabalho.

2.2 Aplicações dos Fundamentos da Dramaturgia

O roteiro e qualquer fundamento de uma obra audiovisual nascem na dramaturgia. Pode-se dizer que as peças foram a primeira forma do fazer audiovisual, uma vez que, depois de escritas, utilizavam da imagem e voz dos atores para vir a existir. Assim sendo, diversos dos elementos nascidos nesse meio são utilizados nos filmes, séries e mais variados formatos audiovisuais. Um deles é o enredo, que é a sequência de elementos que virão a caracterizar a obra. O enredo, sendo assim, acompanha a história da obra em sua totalidade.

Um outro elemento de qualquer história é o conflito, sendo um dos principais. É em torno do conflito que qualquer obra deve ser moldada. Em seu livro “Da Criação ao Roteiro”, Doc Comparato define o conflito de tal forma:

“Conflito designa a confrontação entre forças e personagens através da qual a ação se organiza e se vai desenvolvendo até o final. É o cerne, a essência do drama. (...) Sem conflito, sem ação, não existe o drama.” (COMPARATO, 2000, p. 97)

Assim sendo, o conflito é o divisor de águas da obra, sendo de extrema importância para a história por movimentá-la até o seu ápice. Em *Dom Bentinho*, temos o conflito do protagonista com seus desejos em relação a Escobar e suas dúvidas internas sobre a sua sexualidade, por exemplo. Esse conflito é o que engata e movimenta a obra desde o piloto.

A partir do conflito, seguimos para a intriga, que é o que mantém o conflito ao longo da obra. A intriga é a responsável por ordenar os acontecimentos e dar seguimento à história, visando atingir os efeitos que o escritor deseja. A intriga é a parte essencial de qualquer história por ser a maneira como ela é contada, sendo a organização de diálogo, personagem, ação e o próprio conflito.

Para além desses conceitos, temos aquele que é necessário em qualquer tipo de história: o personagem. São estes os principais responsáveis por desenvolver toda a obra, uma vez que têm os holofotes voltados para si. Já diria Flávio Campos em seu livro “Roteiro de Cinema e

Televisão: A Arte e a Técnica de Imaginar, Perceber e Narrar uma Estória”:

“Personagem é a representação de pessoas e conceitos na forma de uma pessoa ficcional.” (CAMPOS, 2007, p. 139)

O personagem é a janela que o escritor tem para trazer uma ponta de realidade para a sua obra ficcional. É aqui que outras pessoas podem ser lembradas e representadas, com uma pitada de tratamento para a ficção. Em *Dom Bentinho*, é impossível fugir da relação que o trio principal, sendo Bentinho o protagonista e Capitu e Escobar os coadjuvantes, têm com os seus “personagens originais” na obra de Machado de Assis. Apesar de não serem pessoas idênticas, é nesses três que tento ao máximo representar a obra original, com algumas atualizações, como alterar entre eles algumas características do livro, como Capitu sendo a ciumenta em relação a Bentinho, por exemplo. Bentinho é um protagonista que tenta ao máximo se dar bem com os outros, sendo tímido quando se depara com Escobar, mas não deixando de lado os sentimentos que tem por Capitu. Essa, por sua vez, sente ciúmes do protagonista flertando com Escobar, e se esforça ao máximo para atrapalhar os planos dos dois e reconquistar Bentinho. Percebendo tais investidas, Escobar é um verdadeiro galanteador, sabendo do interesse que Bentinho alimenta por ele e não deixando espaço para ele sequer pensar em duvidar disso.

Sempre que escrevemos um personagem, estamos atrelando uma pessoa ou conceito real à uma pessoa fictícia. Em uma conversa que tivemos, o próprio Gildon Oliveira me alertou que não confundisse os personagens com pessoas reais. Personagens seguem uma linha e devem agir de forma que sirva ao escritor e à história para algum ponto já estabelecido, e não agirem de forma aleatória. Flávio de Campos ainda divide os personagens em grupos diferentes, em uma denominação tomada de E.M. Foster:

“Segundo o perfil, os personagens se dividem em personagem redondo, personagem raso ou tipo, e arquétipo. (...) Personagem redondo é aquele constituído de traços plurais de perfil e personagem raso é aquele constituído de um ou pouco mais de um traço de perfil. Personagem raso é o mesmo que tipo.” (CAMPOS, 2007, p. 140)

Personagens rasos podem também vir a se tornar redondos. É o caso de Barney, em *How I Met Your Mother*, que passa boa parte da série sendo o solteiro do grupo que estava feliz com essa vida, não demonstrando ter sentimentos e sendo retratado como o alívio cômico. No arco em que o personagem está se reencontrando com seu pai, vemos um personagem exposto, que fala sobre seus sentimentos abertamente. Barney tem, a meu ver, um dos melhores desenvolvimentos de

toda a série, justamente por vir a se tornar um personagem mais complexo, redondo.

Em Dom Bentinho, existem três personagens essenciais para a obra, sendo Bentinho o protagonista e Capitu e Escobar os coadjuvantes de extrema importância. Bentinho é um personagem em dúvida, uma vez que começa a explorar a sua sexualidade quando se sente atraído por Escobar, mas lida com sentimentos que ainda tem por Capitu, com quem já namorou. Esse dilema é vivido pelo personagem ao longo da primeira temporada, uma vez que ele tem que lidar com estes sentimentos. Escobar é novo no grupo e quer Bentinho, mas vê em Capitu um empecilho para tais desejos. Capitu tenta reconquistar Bentinho, já que os dois terminaram e ela negou os sentimentos que tinha por ele até este momento.

É no diálogo que o criador concretiza as ideias que teve para seus personagens e controla também o seguimento das cenas. Quanto melhor o filme, série, telenovela, etc..., mais bem trabalhado é o diálogo, pois é nele que o público depositará a maior parte da sua atenção. Diálogos bem trabalhados sempre foram e continuam sendo um dos pontos que demandam de um maior envolvimento do roteirista, uma vez que é pensar por mais de uma pessoa, além de entender bem aonde se quer chegar com as falas ali dispostas. Tais fundamentos são essenciais para qualquer que seja a obra audiovisual. Flávio de Campos conceitua o diálogo da seguinte forma:

“Diálogo é a troca de falas entre personagens. Sob o Realismo-Naturalismo que hoje pauta a maioria das histórias que imaginamos, o ponto de partida de uma fala – como o de toda ação - está na motivação do personagem: ‘eu quero, eu falo’. Mais exatamente, o querer do personagem motiva blocos de pensamento que, por sua vez, motivam blocos de fala - aí contidas as réplicas com as quais constituem uma troca de falas, um diálogo. Como um incidente (que é), um diálogo possui começo, meio e fim – ou seja, possui uma unidade e uma progressão que lhe pautam o ritmo e gradação. Como incidente que é, um diálogo se define sob o título que evoque: “O pedido de casamento”, “O relato do acidente”, ou o que seja. Portanto, um diálogo tem por ponto de partida um conteúdo sem forma a que o personagem quer dar forma, quer falar.” (CAMPOS, 2007, p. 191/192)

Assim sendo, o diálogo é a representação dos pensamentos de personagens que não chegam ao espectador nesse formato, uma vez que não dá para saber como os personagens se sentem

internamente. Veja que, mesmo quando um pensamento de certo personagem é mostrado, este nos é apresentado em formato de fala. Assim sendo, o escritor deve estruturar cuidadosamente como um personagem se sente e o que ele fala para se chegar a um determinado ponto da história, seguindo uma linha já estabelecida de como um personagem age.

2.3 As Estratégias de Produção de Efeitos Dramáticos

Quando se escreve uma obra de ficção, seja ela um roteiro, um livro, uma música, dentre outros, cada passo tem que ser pensado para se chegar a algum lugar. Diferentemente de materiais de cunho documental, obras de ficção se passam em realidades que não existem, mesmo que tentem retratar o mundo real de forma fiel. Quanto mais minuciosas forem as tomadas de decisões em tais obras, maiores são as chances de despertar os efeitos desejados por seus criadores naqueles que apreciarão o produto final. No gênero da comédia, em sua maior parte, as escolhas têm que ser feitas pensando na comicidade e em como isso chegará até o público. Obviamente, nenhum gênero se sustenta sem utilizar de artifícios de outros gêneros. Até mesmo em séries de comédia existem pitadas de drama, romance, dentre outros. Nesse tópico, dissertarei sobre algumas das escolhas feitas por mim na concepção de Dom Bentinho.

Em seu texto “Estratégias de Produção de Encanto”, o professor Wilson Gomes disserta sobre as formas e recursos para se produzir certos sentimentos no público. Em certo ponto do texto, ele escreve:

“A obra, a rigor, é um conjunto de efeitos possíveis sobre um fruidor possível. Na produção artística, portanto, "o espírito vai e volta incessantemente do Mesmo para o Outro; e modifica o que é produzido por seu ser mais interior, através dessa sensação particular do julgamento de terceiros". Mas, assim, na "produção do encanto" o consumidor tornase, por sua vez, produtor.”
(GOMES, 1996, p. 2/3)

Qualquer obra só conclui seu caminho ao chegar no seu apreciador. As estratégias sempre são montadas para tentar gerar um sentimento no público, seja ele de alegria, tristeza ou qualquer outro. Tais estratégias são montadas utilizando dos mais diversos recursos dramáticos, como personagens, conflitos, enredo, dentre outros. A escolha e organização deles é o que molda a obra, tornando-a prezada ou não para as pessoas que irão consumi-la. É por meio de tais recursos que qualquer criador tenta atingir os efeitos que deseja no espectador.

Se tratando de uma *sitcom*, é óbvio que a principal reação que desejo da parte do público é o riso. O riso nas séries de comédia vem, normalmente, do exagero de alguns personagens ou de situações em que estes são expostos ao ridículo. Em “Tapas e Beijos”, Cláudio Paiva e Cláudio Lisboa nos trazem Fátima e Sueli com duas personalidades ácidas e prontas para o humor de uma forma que raramente existe em pessoas reais. A presença dessas personalidades ao longo de todos os episódios acaba colocando as duas protagonistas nas mais variadas situações inusitadas ao longo da obra, o que acaba despertando o riso no público em diversos momentos. Em Dom Bentinho, o flerte ininterrupto de Escobar contrasta com a vergonha de Bentinho, que não sabe como reagir às diversas tentativas de aproximação do outro personagem, apesar deste ter interesse. Dessa forma, o público pode, ao mesmo tempo, se sentir encantado por Escobar e rir de Bentinho, se perguntando o que faria em tal situação. Um exemplo disso é o momento em que Escobar chama Bentinho para ir ao seu apartamento, que deixo a seguir:

“INT. BAR - NOITE

Bentinho e Escobar sentam em bancos na frente do balcão.

BENTINHO

(desconcertado)

Olha, eu sou hetero.

ESCOBAR

Tem certeza?

Escobar se aproxima de Bentinho, virando seu tronco para encará-lo.

BENTINHO

(voz falhando)

Tenho.

Escobar sorri de canto de boca e se aproxima mais de Bentinho.

ESCOBAR

Você tá saindo com alguém?

BENTINHO

(desconcertado)

Nossa, mas você é direto, hein?

ESCOBAR

Eu sei o que eu quero.

BENTINHO

(desconcertado)

Eu... an...

ESCOBAR

Você mora aqui do lado, né?

BENTINHO

(desconcertado)

Moro.

ESCOBAR

Não quer me mostrar sua casa?

BENTINHO

(desconcertado)

Por que? Você tá precisando de algo?

Escobar encara Bentinho, se aproxima mais dele e sorri. Escobar coloca sua mão na coxa de Bentinho. Bentinho toma um susto e derrama seu copo. Escobar mostra o dele.

ESCOBAR

Pode beber. Se precisar de alguém pra te levar em casa, eu vou.

Bentinho vira o copo, sai cambaleante de seu banco e sai do bar. Escobar termina sua bebida, levanta e o segue de forma confiante. Da mesa, Anita nota os dois saindo e sorri de canto de boca, enquanto Capitu dá um gole em seu copo."

Aqui, percebemos que Bentinho não vai resistir a Escobar e fica nervoso, enquanto Escobar segue flertando de forma confiante. Por querer que o público se sinta atraído por esse casal, construo a cena de tal forma para trazer a atenção para esses dois personagens, desejando que o espectador se sinta atraído por eles, por meio do riso que os dois juntos podem vir a proporcionar.

Mais à frente, já dentro do apartamento, Bentinho e Escobar ficam no sofá. Deixo a cena a seguir:

“INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho abre a porta e entra no apartamento com Escobar. Bentinho atravessa a sala, enquanto Escobar fica na entrada.

BENTINHO

(desconcertado)

Tá aí, meu ap.

Bentinho abre os braços, apresentando para Escobar o lugar. Escobar fica parado, sorrindo de forma seduzente para Bentinho.

BENTINHO

(desconcertado)

Por que você tá me olhando assim?

Escobar começa a andar de forma devagar na direção de Bentinho.

BENTINHO

(implorando)

Ok, calma, vamos com muita calma, Escobar.

Escobar para na frente de Bentinho, com o mesmo olhar seduzente. Bentinho põe suas mãos no rosto de Escobar e o beija. O beijo dura alguns segundos e Bentinho para, encarando Escobar sem palavras.

ESCOBAR

Desculpa se fui muito rápido.

BENTINHO

Não, tá tudo bem, você foi no tempo certo até demais...

INT. SALA DE ENTREVISTA - NOITE

Bentinho está sentado na poltrona.

BENTINHO

(eufórico)

Que tempo certo o que, Bentinho?! Você é hetero, Bentinho.
Hetero! Cem por cento hetero!

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho e Escobar estão de pé no meio da sala em silêncio. Bentinho vai até o sofá e se senta. Escobar se senta ao seu lado (silêncio).

BENTINHO

É que eu nunca beijei um cara.

Escobar fica com um sorriso em sua cara.

ESCOBAR

Mentira. Você beija bem demais pra quem nunca fez isso.

Bentinho olha para Escobar e sorri. Escobar põe a mão no rosto de Bentinho e o beija.”

A maneira que Escobar flerta deixa Bentinho contra a parede porque, ao mesmo tempo que ele diz que é hetero, Escobar acaba fazendo com que ele contradiga isso, uma vez que Bentinho sempre se trai e cede aos seus desejos. Mesmo após dizer para Escobar que ele é hetero, Bentinho sobe para o apartamento com ele e o beija, após implorar para que Escobar não o fizesse. A estratégia para atingir a comicidade está exatamente nessa forma de agir, uma vez que Bentinho não sabe o que fazer quando está perto de Escobar e acaba se atrapalhando em contraste com uma figura decidida e confiante.

Outro ponto que chamo a atenção na cena é o momento em que Bentinho aparece prestando um depoimento na sala de entrevistas. Utilizo dessas quebras nas cenas para expor o que os personagens pensam em determinados momentos, visando alcançar a comicidade por meio disso. Em muitos desses momentos, os personagens aparecem ali dizendo o contrário do que eles fazem em cena, como Bentinho que, nesta cena em questão, diz que se identifica como hetero, mesmo após ter gostado de beijar Escobar.

Em um outro momento entre Bentinho e Escobar, ambos têm que descer após se beijarem:

“INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho está em pé ao lado da porta fechando a sua blusa.

BENTINHO

(desconcertado)

E bora logo sair daqui, porque você não é de Deus não!

Escobar aponta para a virilha de Bentinho.

ESCOBAR

(rindo)

E você vai sair desse jeito aí?

Bentinho olha para baixo e percebe que está com uma ereção. Ele anda rápido até o sofá e põe uma almofada em seu colo.

BENTINHO

(desconcertado)

Acho que vou esperar um pouco então.

ESCOBAR

Bom, eu também tenho que esperar e, se os dois vão esperar, porque a gente não...

Escobar tenta pegar o rosto de Bentinho, que vai para longe dele.

BENTINHO

(desconcertado)

A gente não sai daqui hoje se você fizer isso!

ESCOBAR

(rindo)

E tem o que? Tá com medo?

BENTINHO

(desconcertado)

E se alguém entra e vê a gente assim? Dois homens...

ESCOBAR

(rindo)

Alguém quem, Bentinho?

BENTINHO

(desconcertado)

Sei lá, a Capitu, não sei.

ESCOBAR

Você tem algo com ela?

BENTINHO

(desconcertado)

Claro que não!

Escobar encara Bentinho, rindo de forma seduzente, e segura o olhar. Bentinho o encara e desvia o olhar.

BENTINHO

(desconcertado)

Mas você se acha muito bom, né?

ESCOBAR

(rindo)

Correção: eu sou muito bom.

BENTINHO

(desconcertado)

Pois eu não acho.

Escobar se levanta e passa pela porta.

ESCOBAR (V.O.)

Seu amigo duro aí me diz outra coisa.

Bentinho fica vermelho e olha de novo para o seu colo.”

A estratégia montada aqui para tentar alcançar a comicidade é a mesma usada na cena anterior. Diante de uma ereção, a reação de ambos os personagens é oposta. Bentinho tenta esconder o “problema”, enquanto Escobar segue tranquilo, inclusive fazendo piadas sobre o assunto, como quando deixa Bentinho sozinho para descer até o bar. Aqui eu quero gerar o encantamento no público, que, se feito de forma correta, tende a se sentir atraído pelo casal que se forma, torcendo

por eles e querendo ver mais dos dois juntos. A estratégia para alcançar a comicidade vai além das falas, sendo refletida também na forma como a cena se desenrola, com Bentinho escondendo a ereção com constrangimento.

A dinâmica entre os dois ainda tem uma terceira pessoa, Capitu, que se vê perdida ao tentar reconquistar Bentinho, mas que percebe a ameaça que é Escobar para esse plano. O público, ao ver um Bentinho explorando sua sexualidade e encantado por Escobar, tem uma primeira reação de chateação para com a figura de Capitu, que representa uma inimiga aos planos de Bentinho e Escobar, por conta de sua personalidade ciumenta e possessiva. Com o passar da obra, Capitu vai deixando de ser uma personagem irritante para uma pessoa de mais fácil identificação, numa tentativa de despertar empatia no público que, em um primeiro momento, a sentiu apenas para com Escobar.

Para gerar tal empatia, existe uma cena no piloto em que Bentinho e Capitu mostram o carinho que ainda têm um com o outro:

“INT. BAR - NOITE

Bentinho bebe cerveja em uma mesa de um bar com cerca de 20 mesas espalhadas em seu interior, onde metade delas está com pessoas. Capitu chega e se senta de frente para ele.

CAPITU

Eai.

BENTINHO

Eai.

CAPITU

Então... nenhum sinal de mais ninguém?

BENTINHO

Buiu me disse que tava vindo, mas até agora nada.

CAPITU

Mesma coisa com Anita.

Capitu chama JOÃO (36), o garçom, que encosta na mesa.

JOÃO

Eai, Capitu.

CAPITU

Eai, João. Me vê a cerveja de sempre.

JOÃO

É pra já.

João sai para pegar a cerveja. Capitu e Bentinho ficam em silêncio.

CAPITU

Então... como foi seu dia?

BENTINHO

Um lixo. Pensei que eu ia ser demitido.

CAPITU

O que o grande Dos Santos fez?

BENTINHO

Há 230 anos atrás, ele nasceu, e minha vida não poderia ficar pior...

Capitu ri.

BENTINHO

E você? O que fez hoje?

CAPITU

Recebi alguns clientes, mas nada supera a senhora Joanita, que queria processar o Tigrinho.

BENTINHO

Perdeu dinheiro apostando?

CAPITU

(rindo)

Não. Aparentemente, ela ficou bastante incomodada por ele não ser um tigre de verdade.

BENTINHO

(irônico)

Pera, e ele não é? Eu dei meu dinheiro pra nada?

Capitu gargalha.

BENTINHO

(irônico)

Sério, você tem que esclarecer isso pra mim.

CAPITU

(rindo)

Você é um idiota.

BENTINHO

Sou um pouco as vezes. Senti falta disso.

Capitu encara Bentinho.

CAPITU

É, eu também.

BENTINHO

Acho que nem tudo precisa sempre ser tão estranho entre a gente.”
Nessa cena, eu quero representar que, mesmo sendo ex-namorados e não sendo tão próximos, existe neles o sentimento de família que os outros personagens do grupo também têm, além de um zelo um com o outro que não está preso somente nisso. Aqui quero que o público note que esses dois têm sentimentos que vão além de uma mera amizade, e isso é algo que vem a ser mais trabalhado posteriormente com o passar dos episódios. A estruturação da cena é toda feita para provocar o sentimento de empatia no espectador, que pode começar a olhar para os personagens de uma forma mais humana.

Assim sendo, nenhuma escolha pode vir a ser aleatória. Outro recurso que é utilizado para despertar a comicidade é a bebida consumida pelos personagens, “Banana Melada”. Aqui, utilizo do duplo sentido das palavras como estratégia para provocar o risível no público. A piada cresce com o passar dos episódios, não ficando presa apenas à Bentinho e Escobar, mas se estendendo também para Capitu que, ao ver a bebida no segundo episódio, diz não gostar, o que pode

despertar no público a justificativa de que ela não gosta por se tratar da bebida que “leva Bentinho a fazer coisas” com Escobar.

Enquanto Bentinho cria um novo laço com Escobar e tem que decidir o que acontece entre ele e Capitu, acompanhamos Anita e Buiu se distanciando em seu relacionamento, uma vez que Anita trai seu parceiro. Aqui, Anita é retratada como a vilã para o grande público, mas isso não impede de algumas pessoas se sentirem representadas por ela. Esse arco se desenrola por toda a temporada, onde Anita tenta explicar seu ponto de vista. Essa trama é pensada para que o público escolha quem apoiar, uma vez que é difícil que alguém apoie os dois, por se tratar de um tipo de conflito que geralmente tem um lado para ser defendido e outro para ser condenado.

Por isso, percebe-se que nenhuma escolha é aleatória. O modo de agir dos personagens, os diálogos existentes entre eles, a formatação e ordenação de cenas, dentre outras coisas, todos são recursos para a criação de cenários e para levar a história por um caminho pensado pelo criador. Em um primeiro momento, tudo isso tem que ser avaliado pelo escritor, uma vez que o ele é o seu primeiro público.

Considerações Finais

Reservo este capítulo para afirmar que esta não é uma obra finalizada. Apesar de sentir satisfeito com o material que tenho em mãos, o que tenho aqui é o primeiro tratamento, realizado e concluído em um contexto universitário e pensado para ser o meu TCC, mas que desejo ir além com ele pensando em uma oportunidade de ingressar no mercado. Com o foco em vender e realizar o projeto, entendo que novas modificações virão a ser feitas, pois esse é o modo que o mercado opera no campo do roteiro, e só assim conseguirei realizar essa missão que impus para mim mesmo. Todo e qualquer material, após ser escrito em sua totalidade, deve se adequar às especificações do mercado e do seu orçamento. Para além disso, entendo que série pode nem vir a ser o formato final deste projeto. Deixo conscientemente um espaço para o surgimento de novas temporadas na conclusão desta primeira e compreendo também a possibilidade de tal material vir a se tornar um longa-metragem, adaptação permitida por conta do tamanho e da forma com a qual tal história é abordada aqui, ou até mesmo minissérie.

Um roteiro só deixa de se desenvolver no momento que é gravado. Antes disso, sempre tem como melhorar e evoluir uma história. Por isso, cito tais melhorias adquiridas com muito orgulho, uma vez que o desejo de todo roteirista é entregar a melhor obra possível, ao mesmo tempo que reconheço o que ainda pode vir a ser melhorado e desenvolvido dentro dessa história e das outras que ainda virão. Dentro do mercado, orçamento e para onde a obra será destinada também são de extrema importância para determinadas alterações na história. Cortes ou acréscimos na história podem vir a ocorrer por conta destes modificadores. Se a produtora for um canal aberto, por exemplo, e dependendo do horário que a história pode vir a ser exibida, não existe espaço para certos tipos de piadas, ou outras piadas podem vir a ser solicitadas para atender essa demanda. Assim como outras cenas ou locações podem vir a ser adicionadas ou cortadas por conta do orçamento disponibilizado para a realização da obra. São diversas variantes que modificam o caminhar e os elementos presentes em uma obra.

Além disso, para refinar ainda mais a história e observando a crescente quantidade de laboratórios para desenvolvimento de roteiro e de ideias no país, ainda penso na possibilidade de circular o material pelos mais diversos laboratórios de roteiro, como o BrLab,²⁴ Projeto

²⁴ O BrLab é um evento anual voltado ao mercado audiovisual, com ações de formação em workshops e labs destinados a projetos em desenvolvimento, financiamento e montagem. Com 15 anos de trajetória, o BrLab recebe projetos de toda América Latina, Península Ibérica e Itália, promovendo encontros, palestras e debates. Informações extraídas de material institucional

Marieta²⁵, Porto Iracema das Artes²⁶, Frapa²⁷ e principalmente o NordesteLab²⁸, que se apresenta como a solução mais próxima de mim, mas não me prendendo apenas a estes, vendo também a possibilidade de inscrever o roteiro em festivais estrangeiros. Dessa forma, além de ter meu material sendo constantemente melhorado por meio de avaliações e críticas de pessoas especializadas na área, tenho a oportunidade de furar a minha bolha do realizar audiovisual, podendo conhecer pessoas de outras regiões do país e de outras partes do mundo, abrindo ainda mais as janelas de oportunidades que me são apresentadas.

Por se tratar de uma obra desenvolvida no interior, este tipo de circulação é de extrema importância para atingir mercados audiovisuais maiores, como o eixo Rio-São Paulo e até mesmo o de Salvador, que é inegavelmente maior do que o de Vitória da Conquista tanto por conta da verba aplicada quanto por conta da tradição desenvolvida, que já vem sendo trabalhada a muito mais tempo, tendo também um número maior de profissionais atuando na área. Além disso, alcançar outras pessoas é crucial para a elaboração de qualquer obra, uma vez que a colaboração com outras regiões facilita o desenvolvimento de um projeto em qualquer que seja a área ou o local. Até mesmo grandes produções de *Hollywood*, por exemplo, contam com esse formato de colaboração.

Outro ponto importante de tais laboratórios é associar o material ao meu nome. Ao desenvolver vínculos com outras pessoas nestes ambientes, o material é atrelado ao meu nome, e mesmo que este não venha a ser produzido, os próximos já terão um pouco de reconhecimento, uma vez que, ao se mostrar presente nesses lugares, mais e mais pessoas virão a me reconhecer por conta desses laços já estabelecidos. Em um ramo incerto como o audiovisual, é importante se fazer presente no sentido de ser lembrado pelas pessoas, assim desenvolvendo uma identidade como roteirista.

disponível no site oficial do evento: <https://brlab.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

²⁵ O Marieta é um centro cultural colaborativo fundado em 2015, com sede em São Paulo, que oferece atividades como cursos, debates, cineclubes e residências culturais. Informações extraídas de material institucional disponível em: <https://www.marieta.art.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

²⁶ A Porto Iracema das Artes é uma escola de artes do Ceará fundada em 2013, ligada à Secretaria da Cultura do Estado (Secult) e ao Instituto Dragão do Mar. Atua em formação básica, cursos técnicos e laboratórios de criação. Fonte: <https://www.portoiracemadasartes.org.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

²⁷ O Festival de Roteiro Audiovisual de Porto Alegre (FRAPA) é realizado anualmente desde 2013 e se consolidou como o maior evento do gênero na América Latina. É voltado a roteiristas e profissionais do audiovisual, oferecendo painéis, oficinas, pitchings e networking. Fonte: <https://www.frapa.art.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

²⁸ O NordesteLAB é uma plataforma de articulação e fomento ao audiovisual, com foco na região Nordeste. Desde sua criação, promove a descentralização da produção, com atividades como pitchings, mesas, clínicas e rodadas de negócios. Informações extraídas de: <https://www.nordestelab.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025..

Além de uma realização pessoal, acredito que Dom Bentinho possa vir a ser uma contribuição para os projetos de conclusão de curso no formato de narrativa seriada no curso de Cinema e Audiovisual da UESB, uma vez que tais projetos são relativamente novos, fazendo com que ainda não existam muitos neste formato. Esse projeto pode vir a despertar a curiosidade em outros alunos para que eles também façam seus projetos na mesma modalidade, se tornando uma das referências para tais pessoas. Além do roteiro e bíblia e o processo de criação, este material conta com o memorial, que se trata da sistematização do meu processo, e também as referências que trago aqui, que podem servir também de referências para os próximos pesquisadores. Para além disso, também é um lugar de representação. Além de ser um projeto com um protagonista LGBTQIA+, é uma janela de representação para a cultura baiana, especialmente a do interior, que por colocar tais culturas em evidência, pode trazer outros projetos que retratem a mesma realidade a serem pensados e realizados. Dom Bentinho é um primeiro passo para uma realização de mercado que acontece em pequena escala, trazendo atenção para nosso estado.

Destaco que, por não ter uma pretensão inicial de publicar o roteiro, tais observações e pensamentos começam a valer a partir do momento em que tal material começa a existir como série, e não apenas como roteiro. Como já disse, esse é meu objetivo final, para além das melhorias que tal material pode vir a receber e evoluir com as mesmas.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Flávio de. Roteiro de Cinema e Televisão: A Arte e a Técnica de Imaginar, Perceber e Narrar uma História. Ed. 2007. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007.

COMPARATO, Doc. Da Criação ao Roteiro. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 2000.

TEIXEIRA, João Senna. Regimes de Serialidade. Volume 3. Salvador: Benditas, 2020.

MENDES, Cleide Furtado. Construindo a Comicidade: Sátira e Ironia. Salvador: Universidade Federal da Bahia – UFBA.

CARVALHO, Igor Nunes Dourado de. As Ideias de Catarse na Produção de Cleide Mendes. Salvador: Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2012.

ANTUNES, V.G.; ANZUATEGUE, S. R. O Roteiro e a Sua Importância na Realização de Uma Obra Audiovisual. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná / Faculdade de Artes do Paraná.

VOLPI, Heron. Roteiristas no Brasil, Uma História a ser Contada: Organização e Pleito por Direitos Autorais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA, Gildon Oliveira. Estratégias Melodramáticas Para a Construção de um Texto Teatral. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

DUARTE, Adriane da Silva. A Catarse na Comédia. São Paulo: Universidade de São Paulo.

ARANHA, Stella Pereira. MEDIAÇÃO DO CINEMA BRASILEIRO: o gênero comédia e a linguagem cinematográfica como categorias mediadoras dos filmes longa-metragem nacionais no período da Retomada (1993-2013). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2014.

VASCONCELOS, Anna Beatriz Lisbôa de. COMÉDIA NO CINEMA BRASILEIRO: O GÊNERO NA CULTURA GLOBALIZADA. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

NUNES, Gabriel Borges da Costa. ADA NOIR: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM DE FICÇÃO. Salvador: UNIFTC, 2021.

LEAL, Arthur Max Bispo. IRA-1D: REFLEXÕES SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ROTEIRO DE LONGA METRAGEM DE FICÇÃO. Salvador: UNIFTC, 2021.

SANTOS, Raul Ribeiro Miranda dos. A PRINCESA NO ESPELHO (Memorial Analítico-Descritivo; modalidade: Roteiro de Longa-Metragem). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Vitória da Conquista, 2020.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística. 1º edição. São Paulo: ANNABLUME Editora, 1998.

BORDWELL, David. FIGURAS TRAÇADAS NA LUZ: A ENCENAÇÃO NO CINEMA. Campinas: Papirus, 2008.

NordesteLAB | 2025. Disponível em: <<https://nordestelab.com.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FRAPA 2025. Disponível em: <<https://frapa.art.br/festival>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

A Escola | Porto Iracema das Artes. Disponível em <<https://portoiracemadasartes.org.br/a-escola/>>.

Projeto Marieta | Brasil | MARIETA. Disponível em: <<https://www.projetoMarieta.com.br/sobre>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Sobre – BrLab. Disponível em: <<https://brlab.com.br/sobre/>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1: Episódio 2 – Dom Bentinho

Dom Bentinho

Episódio 2

Felipe Oliveira

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - DIA

Capitu está em pé na frente do sofá quando Bentinho abre a porta do seu quarto e sai. Bentinho vai andando até a cozinha.

BENTINHO
Eaí, bom dia.

CAPITU
Bom dia.

BENTINHO
Noite agitada ontem, hein.

CAPITU
(sussurrando)
Mais pra uns do que pra outros...

INT. SALA DE ENTREVISTA - DIA

Capitu está sentada em uma poltrona com um vaso de plantas do seu lado.

CAPITU
Ele não pode só fingir que não aconteceu. Eu vi! Com meus próprios olhos, infelizmente. Mas quer saber? Esse homem vai ser meu. Vai ser não, ele é meu! Esse Escobar chegou agora, ele não tem a história que eu tive com Bentinho. Ele vai ver só.

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - DIA

Bentinho volta da cozinha com dois copos e entrega um para Capitu.

BENTINHO
Fiz um café pra você. Vou ter que correr pro trabalho.

CAPITU
Não precisava.

Bentinho mexe no celular, sorrindo para a tela.

CAPITU (CONT'D)
O que tem de tão engraçado nesse celular, hein?

BENTINHO
 (desconcertado)
 Ahh, você sabe, os memes de sempre.
 Vamos?

Bentinho abre a porta e espera Capitu passar. Quando Capitu atravessa a porta, Bentinho apalpa o bolso, olha em volta e vai para o seu quarto. Ele sai do quarto com o carregador do celular na mão e o guarda em seu bolso. Bentinho sai pela porta.

INT. PORTA DA CASA DE BENTINHO - DIA

Bentinho tranca a porta, se vira e sai andando. Ele chuta algo no chão e para, olhando para baixo. Bentinho agacha e pega uma chave da sua casa. Ele olha por alguns segundos e leva a mão ao rosto, assustado, antes de sair andando e descer as escadas.

INT. SALA DE ENTREVISTA - DIA

Bentinho está sentado em uma poltrona.

BENTINHO
 Eu sabia que tinha ouvido algo ontem!
 E aquele mentiroso ainda me chamou de
 paranóico. Eu devia ter ido checar.
 Tudo culpa daquela feitiçaria pélvica
 dele.

INT. SALA DE AULA - DIA

Anita está sentada lendo um livro em uma sala com cerca de dez alunos. Alexandre entra na sala, puxa uma cadeira próxima e arrasta até o lado de Anita, se sentando.

ALEXANDRE
 Ainda estudando?

ANITA
 E ainda namorando.

ALEXANDRE
 Ainda casado.

ANITA
 Ainda não interessada.

ALEXANDRE
 Tá, eu desisto. Mas ainda preciso de
 ajuda com o assunto.

ANITA
Só com o assunto?

ALEXANDRE
Só com o assunto, senhorita "eu tenho namorado".

ANITA
Ótimo, com isso eu posso ajudar. Quer me encontrar depois da aula?

ALEXANDRE
Posso sugerir um café.

Anita faz menção de dizer algo, mas Alexandre a corta, levantando os braços para fingir inocência.

ALEXANDRE (CONT'D)
Para estudos e nada mais.

ANITA
E nada mais!

Anita vê o professor entrando na sala, fecha seu livro e se vira para o quadro.

ALEXANDRE
A menos que você queira.

Anita sorri disfarçadamente.

INT. CARRO DE BUIU - DIA

Buiu está parado no trânsito, sozinho dentro do carro. Ele aperta a buzina e gesticula para alguém na frente do carro. Seu celular começa a tocar, e ele atende pelo painel do carro.

BUIU
Fala, meu gigante!

BENTINHO
Ei, cara! Como você tá?

BUIU
Tranquilo, e você?

BENTINHO
Suave.

INT. TRABALHO DE BENTINHO - TARDE

Bentinho está em sua mesa digitando no computador. Ele fica espiando por cima da tela para a sala do seu chefe ALAN (50), que conversa com Theodoro. Alan abre a porta e Theodoro sai. Bentinho rapidamente se levanta, caminha até a sala do seu chefe e bate na porta, entrando em seguida.

INT. SALA DE ALAN - TARDE

Bentinho fecha a porta. Alan está sentado em uma cadeira atrás de uma mesa, com outra cadeira na sua frente.

BENTINHO

Boa tarde, seu Alan.

ALAN

Boa tarde, Bentinho. Sente-se.

BENTINHO

Obrigado.

Bentinho vai até a cadeira e se senta.

ALAN

Então, o que queria falar comigo?

BENTINHO

Então, tá tudo bem com o Teodoro?

ALAN

Tá sim. Quer dizer, tive que tirar ele do projeto do shopping a pedido do Senhor dos Santos, mas vou realocar ele para outro projeto. Por que a pergunta?

BENTINHO

Um amigo meu é arquiteto e acabou de se mudar para a cidade. Quería saber se o senhor pode dar uma chance para ele aqui.

ALAN

Não posso prometer nada, porque nós temos outros bons arquitetos aqui, mas quem sabe? Vai que o Senhor dos Santos aceita mais arquitetos no shopping? É uma possibilidade. Ele pode vir pra uma entrevista amanhã a tarde?

BENTINHO

Pode sim, senhor. Muito obrigado pela oportunidade.

ALAN

Não por isso, fique tranquilo.

Bentinho se levanta e sai da sala.

INT. TRABALHO DE BENTINHO/INT. QUARTO DE ESCOBAR - TARDE

Bentinho vai até a sua mesa, pega a sua mochila e sai andando, mexendo no celular. Ele liga para Escobar, que toca guitarra.

ESCOBAR

Eaí, rei dos drinks.

BENTINHO

Muito engraçado. Tá disponível amanhã a tarde?

ESCOBAR

Eu jurava que você era o tipo de cara que esperava 3 dias pra chamar pra outro encontro.

BENTINHO

(desconcertado)
O que? É pra uma entrevista de emprego.

ESCOBAR

Sério?

BENTINHO

(desconcertado)
Sim, idiota. Aqui no meu trabalho.

ESCOBAR

Vamos ter que comemorar então!

BENTINHO

(rindo)
Não é melhor esperar pra ver se você consegue o emprego?

ESCOBAR

Não preciso de emprego pra comemorar com você. Nossa festa tava boa, pena que acabou cedo.

BENTINHO

(desconcertado)
Devagar, Don Juan.

ESCOBAR

Você fala assim, mas ontem ninguém queria ir devagar.

BENTINHO

(desconcertado)
Eu falei pra a gente parar, tá. Me respeite.

ESCOBAR

Quero ver se na próxima você vai querer parar.

BENTINHO

(desconcertado)
Nada de próxima. Aliás, já fizemos besteira de mais na última vez.

ESCOBAR
Como assim?

BENTINHO
Lembra do barulho? Não era paranóia. Acho que Buiu subiu e viu a gente e acabou deixando a chave dele pra trás.

ESCOBAR
Ele não sabe que você é bi?

BENTINHO
(desconcertado)
Eu nunca disse que eu era bi!

ESCOBAR
Tá bom, senhor hetero. O que acha de a gente comemorar minha entrevista na sua casa hoje?

BENTINHO
(desconcertado)
Você realmente é sempre direto assi?.

ESCOBAR
Vou entender isso como um sim. Beijo, tigrão.

Bentinho guarda o celular no bolso e fica envergonhado, sorrindo de canto de boca para o nada.

INT. SALA DE ENTREVISTA - TARDE

Bentinho está sentado na poltrona. Ele está com a mão no rosto, agindo de forma apaixonada.

BENTINHO
(desconcertado)
Tigrão... ele me chamou de tigrão... quer dizer... an... cinquenta e um por cento! Não pensem que eu me esqueci do número mágico, tá. Cinquenta e um é o número mágico.

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - DIA

Bentinho entra pela porta e a fecha logo em seguida. Ele coloca sua mochila em cima do sofá e vai até o espelho. Ele se encara e começa a falar, numa tentativa de se convencer.

BENTINHO
Qual é, Bentinho. Ele é seu amigo de infância, claro que vai entender.
"Então, cara, eu beijei Escobar ontem, mas não significou nada. Foi a bebida e nunca mais vai acontecer". Nem você tá acreditando nisso, Bentinho. O que
(MORE)

BENTINHO (CONT'D)
eu faço?

A campainha da casa de Bentinho toca. Ele para por alguns segundos, encarando a porta, e depois vai até ela e abre. Buiu entra na sala.

BENTINHO (CONT'D)
Eaí, cara.

BUIU
Coé, Bentinho.

Buiu vai até o sofá e se senta.

BENTINHO
Precisando de algo?

BUIU
Você que me diz.

Bentinho vai até uma poltrona e se senta paralelo a Buiu.

BENTINHO
Olha, não sei bem como dizer isso...

BUIU
(rindo)
Vai terminar comigo? Desembucha logo.

BENTINHO
(desconcertado)
Eu queria falar sobre o que você viu ontem.

BUIU
O que eu vi ontem?

BENTINHO
(desconcertado)
Não finja que não aconteceu. Vou ser sincero contigo.

BUIU
Eu realmente não sei do que você tá falando, Bentinho.

BENTINHO
Qual é, cara. Eu sei que você viu a gente!

Buiu parece confuso. Bentinho levanta a mão e mostra a chave pra Buiu.

BENTINHO (CONT'D)
(desconcertado)
Achei sua chave reserva no corredor.

BUIU
Essa não é a minha chave.

BENTINHO
(confuso)
Oi?

BUIU
Essa não é a minha chave, ué.

BENTINHO
(confuso)
Mas só você e Anita têm essa chave.
Além de Capitu...

BUIU
Pera, Capitu? Você achou essa chave aqui? Ela dormiu com você?

BENTINHO
(desconcertado)
Dormiu, mas como amigos. Ela só dormiu no sofá.

BUIU
(rindo)
Você ficou preocupado de eu ter visto ela dormindo no sofá? Conta outra. Algo aconteceu, e algo para comemorar. Isso merece umas cervejas. Tem na geladeira?

BENTINHO
Tem, mas/

Buiu se levanta e vai na direção da cozinha. Bentinho faz menção de falar algo, mas fica em silêncio.

INT. SALA DE ENTREVISTA - TARDE

Bentinho está sentado na poltrona.

BENTINHO
Essa chave, meu Deus... Anita? Não,
(MORE)

BENTINHO (CONT'D)
 ela e Buiu dividem a mesma chave.
 Então... ahh, não. Eu tô pagando algum
 pecado, não é possível que seja/

INT. ESCRITÓRIO DE CAPITU - TARDE

Capitu sai pela porta e a fecha quando seu celular toca. Ela atende.

CAPITU
 Oi, Anita.

ANITA
 Não me odeie, mas tô saindo com
 Alexandre.

CAPITU
 (incrédula)
 Você o que?

ANITA
 Fiquei triste que Buiu não me deu
 atenção e agi na raiva, mas não
 existem segundas intenções aqui.

CAPITU
 (incrédula)
 Se não existem segundas intenções, por
 que você disse pra não te odiar?

ANITA
 É complicado, mas me acoberte se
 alguém perguntar. Ninguém sabe que eu
 vim. Beijos, te amo.

CAPITU
 (incrédula)
 Peraí!

Capitu tira o telefone da orelha e encara a tela, percebendo que Anita desligou.

CAPITU (CONT'D)
 Mas que inferno!

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - TARDE

Bentinho e Buiu estão sentados jogando. Buiu começa a rir.

BENTINHO

O que foi?

BUIU

(rindo)

Você me chama pra falar de uma chave e Anita me falando que você é gay, dá pra acreditar?

BENTINHO

(desconcertado)

Anita o que?/

O celular de Buiu vibra e ele checa.

BUIU

Vou ter que partir.

BENTINHO

Do nada?

Buiu se levanta e vai em direção à porta.

BUIU

Prometi pro Escobar que ia levar ele pra uma entrevista em uma casa de shows daqui. Ele disse que é frequentada por grandes empresários e talz.

BENTINHO

Fala que mandei um abraço pra ele.

BUIU

Fechou. Valeu, mano.

Buiu passa pela porta, sai do apartamento e a fecha em seguida. Bentinho escora as costas na porta e vai se abaixando até sentar no chão.

INT. SALA DE ENTREVISTA - TARDE

Bentinho está sentado na poltrona.

BENTINHO

Ok, eu arreguei! Meu melhor amigo não sabe sobre o caso que tive, tenho, sei lá que porra com o amigo dele. Eu sou um péssimo amigo! E ainda tem esse lance de Capitu ter me visto ontem com Escobar. Logo Capitu... o que eu faço?

INT. CAFÉ - NOITE

Anita entra no café e vê Alexandre em uma mesa. Ela vai até ele e se senta.

ALEXANDRE
Demorou mas veio, hein.

ANITA
Só para te ajudar nos estudos.

ALEXANDRE
Só pra me ajudar nos estudos.

ANITA
Por onde quer começar?

Alexandre pega o cardápio na mesa e o entrega para Anita.

ALEXANDRE
(sorrindo)
Pela comida, claro.

Anita pega o cardápio, emburrada, e começa a ler as opções.

ELIPSE

A mesa tem dois pratos com comida pela metade e duas canecas na metade.

ALEXANDRE (CONT'D)
(rindo)
Você não pode falar nada. É a
queridinha dela.

ANITA
(rindo)
Queridinha? Tá mais pra escrava dela.

ALEXANDRE
(rindo)
Eu queria ser escravo e ter suas
notas.

ANITA
Falando em notas, é melhor a gente
estudar.

ALEXANDRE
De novo com esse papo?

ANITA
A gente veio aqui pra isso.

ALEXANDRE
Você veio aqui pra isso.

ANITA
De novo não, Alexandre, sério.

ALEXANDRE
O que? Não posso curtir uma noite com
uma amiga? É isso?

ANITA
Conheço esse papinho. Melhor eu ir
embora.

Alexandre respira fundo.

ALEXANDRE
Realmente. Vou pedir a conta.

Alexandre acena para o garçom, que vai até a mesa.

ANITA
(surpresa)
Nossa.

ALEXANDRE
O que?

ANITA
(surpresa)
Não esperava que ia ser tão fácil.

ALEXANDRE
(rindo)
Tão fácil o que? Se livrar do
sequestrador?

O garçom mostra a máquina de cartões e Alexandre paga. Logo
depois ele se levanta.

ALEXANDRE (CONT'D)
Vamos?

Anita se levanta e ela e Alexandre caminham até a saída do
café.

ANITA
(confusa)
Por que isso?

ALEXANDRE
Isso o que?

ANITA
(confusa)
Insistir tanto em mim, e agora me
tratar assim.

ALEXANDRE
Não tô aqui pra te forçar, Anita. Eu
pensei que você queria algo, por isso
insisti. Mas parece que eu tô te
forçando a fazer alguma coisa.

ANITA
Desculpa por te fazer sentir isso...

ALEXANDRE
(rindo)
Fica tranquila. Somos crescidinhos,
podemos lidar com isso.

Alexandre se vira e faz menção de sair andando. Anita puxa ele pelo braço e o beija por alguns segundos. Logo depois, ela o empurra e o encara, sem acreditar no que acabou de fazer.

ALEXANDRE (CONT'D)
(rindo)
Isso sim foi inesperado.

ANITA
(desconcertada)
Isso nunca aconteceu!

ALEXANDRE
(rindo)
Ahh, mas aconteceu sim.

ANITA
(desconcertada)
Não aconteceu! Eu só tô com raiva.

ALEXANDRE
Raiva de que?

ANITA

Porque Buiú não presta atenção em mim!

ALEXANDRE

Isso! Bota essa raiva pra fora, usa ela em mim!

ANITA

Não exagera.

ALEXANDRE

Ok, sem exageros.

ANITA

Eu tenho que ir.

ALEXANDRE

Até a próxima então?

ANITA

Não vai ter próxima!

ALEXANDRE

Engraçado. Momentos atrás. sua língua parecia querer uma próxima.

ANITA

(rindo)

Idiota!

Anita se vira e sai andando.

ALEXANDRE

(sorrindo)

Ansioso pela próxima vez!

INT. QUARTO DE CAPITU - NOITE

Capitu está deitada na cama com um roupão, uma toalha amarrada na cabeça e uma máscara de *skincare* assistindo um filme em seu computador.

CAPITU

O mundo tinha que ser assim, tá vendo.
O príncipe fica com a princesa, e não com... o bardo.

O celular de Capitu começa a tocar e ela atende.

CAPITU (CONT'D)

Oi, Anita.

ANITA
Corre pra a casa do Bentinho agora!

CAPITU
(confusa)
Casa do Bentinho? Do que você tá falando?

ANITA
Tenho que conversar uma coisa séria e não quero que esse inferno de colega de quarto que você tem escute. De lá a gente desce pro bar.

CAPITU
Calma. Já tô indo.

Capitu tira o celular da orelha e fecha a tela do seu computador. Ela se olha no espelho por alguns segundos.

CAPITU (CONT'D)
Casa do Bentinho... definitivamente tenho que tirar essa máscara. E talvez fazer uma maquiagem.

INT. SALA DE ENTREVISTA - NOITE

Capitu está sentada na poltrona.

CAPITU
Mulheres se maqueiam para elas mesmas! Nada de "estou me maquiando para reconquistar meu príncipe encantado". Além do mais, vai ser uma maquiagem bem básica, tá!

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho está sentado no sofá jogando quando a campainha toca. Ele se levanta, vai até a porta, espia pelo olho mágico e abre a porta. Anita passa por ele e vai até a cozinha.

BENTINHO
(confuso)
Boa noite pra você também, Anita.

Anita volta com uma cerveja, vai até o sofá e se senta.

BENTINHO (CONT'D)
Ei, tá tudo bem?

ANITA
Definitivamente não.

BENTINHO
Quer falar sobre isso?

ANITA
Definitivamente não.

Bentinho vai até o sofá e se senta do lado dela.

BENTINHO
Pode conversar comigo se quiser.

ANITA
Eu só quero jogar conversa fora e
espairecer um pouco.

BENTINHO
Ok, sobre o que quer falar?

ANITA
Que tal sua noite ontem?

BENTINHO
(desconcertado)
Minha noite? Pois é, passei um pouco
da bebida.

ANITA
E quando ia falar pra sua melhor amiga
que você também gosta de caras?

BENTINHO
(desconcertado)
Do que você tá falando? Pera, a chave
é sua?

ANITA
Chave? Que chave?

BENTINHO
Como você sabe do que aconteceu?
Capitu te contou?

ANITA
Capitu não saberia nem se ela visse.
Eu sim vejo as coisas.

BENTINHO
Eu acho que ela viu.

ANITA

Viu o que?

BENTINHO

Achei uma cópia da chave aqui de casa no corredor hoje, e ontem ouvi um barulho meio estranho. Pensei que era sua e de Buiu, mas não é...

ANITA

Meu Deus! Capitu te viu ontem com o Escobar? Mas vocês tão bem, né?

BENTINHO

(confuso)

Sim? Não? Talvez? Nada nunca é fácil quando se trata dela.

ANITA

Você gosta do Escobar?

BENTINHO

Sim, ele é um cara bem legal.

Anita cutuca Bentinho e ele a encara.

ANITA

Você **gosta** do Escobar?

BENTINHO

(confuso)

Não sei.

ANITA

Imagina o Escobar nu agora. Assim vai descobrir se gosta dele.

Bentinho olha pra cima e começa a imaginar. Ele dá um sorriso. Anita dá um soco no braço dele.

ANITA (CONT'D)

Que nojo, Bentinho! Eu tô aqui!

BENTINHO

Mas foi você quem mandou!

ANITA

Você gosta da Capitu?

BENTINHO
 (confuso)
 Eu sempre vou gostar da Capitu.

Os dois ficam em silêncio. A campainha toca.

ANITA
 Falando no diabo...

Bentinho se levanta em um pulo.

BENTINHO
 (sussurrando)
 Capitu tá aqui?

ANITA
 Sim, tem/

BENTINHO
 (sussurrando)
 Shhh! Eu ainda não encontrei ela
 depois do lance da chave.

ANITA
 (sussurrando)
 Cresce!

BENTINHO
 (sussurrando)
 Vou me esconder no quarto e vocês
 conversam.

ANITA
 (sussurrando)
 O que? Não!

Bentinho sai na ponta dos pés, entra em seu quarto e fecha a porta devagar. Anita vai até a porta e a abre. Capitu entra com uma maquiagem forte e com uma roupa bem arrumada.

ANITA (CONT'D)
 O que é isso?

CAPITU
 Isso o que?

ANITA
 Por que você tá arrumada assim?

CAPITU
(desconcertada)
Que arrumada o que, é uma roupa casual.

ANITA
Isso definitiva/

CAPITU
(desconcertada)
Foi o que que você me ligou hein?

ANITA
(desconcertada)
A gente fala disso depois, vamos que eu preciso de uma cerveja.

CAPITU
Ué, e aquela na mesa?

ANITA
(desconcertada)
Eu quero uma que não seja aquela!

As duas saem do apartamento. Bentinho sai do seu quarto, aliviado.

INT. BAR - NOITE

Capitu e Anita entram e se sentam em uma mesa. Anita acena pra João e faz o número dois com os dedos.

CAPITU
Eu não disse que ia beber.

ANITA
Posso beber os dois.

CAPITU
O que diabos aconteceu com você?

João chega e deixa os dois copos na mesa. Anita pega um deles e bebe toda a cerveja de uma vez. Capitu leva seu copo até sua boca.

ANITA
Alexandre me beijou.

Capitu sopra no copo e acaba derramando um pouco de cerveja. Ela apoia o copo na mesa e encara Anita, assustada. Anita pega o copo de Capitu e vira toda a bebida. Ela acena para

João e faz o número dois de novo.

CAPITU
(incrédula)
O que? Quando? Aonde? Como?

ANITA
(desconcertada)
Ele me beijou.

CAPITU
(incrédula)
Quando? Aonde? Como?

ANITA
(desconcertada)
Hoje a noite.

CAPITU
(incrédula)
Aonde? Como?

ANITA
(desconcertada)
Em um café que ele me levou.

CAPITU
(incrédula)
Como?

ANITA
(desconcertada)
Ele encostou...

CAPITU
(incrédula)
Ele encostou? Conta essa história!

ANITA
(desconcertada)
Ele me beijou e foi isso.

CAPITU
Essa história tá estranha, Anita. Fala a verdade.

ANITA
(desconcertada)
Tá! Eu que beijei ele!

CAPITU
(incrédula)
Você o que? Por quê?

ANITA
(desconcertada)
Porque Buiu me tratou mal aquele dia.

CAPITU
(incrédula)
Te tratou mal? Ele te tratou bem, vai
em um psicólogo! Meu Deus... Buiu...
qual foi a reação dele?

ANITA
(desconcertada)
Ainda não o vi. Ele disse que foi
levar Escobar em algum lugar.

CAPITU
Bentinho também foi?

ANITA
Não, por quê?

CAPITU
(desconcertada)
Nada.

ANITA
Você viu eles dois, né?

CAPITU
(desconcertada)
Não muda de assunto! Você traiu Buiu.

ANITA
(desconcertada)
Fica quieta! Eu vou falar com ele.

CAPITU
Espero que sim!

ANITA
Mas você viu Bentinho e Escobar, né?

CAPITU
(desconcertada)
Como você sabe disso?

ANITA
Os dois tavam quase se comendo aqui dentro, tenha dó!

CAPITU
(desconcertada)
Eu não vi isso... mas como sabe que sei dos dois?

ANITA
(mentindo)
Imaginei pelo jeito que tava ontem.

CAPITU
(desconcertada)
Por que a gente sempre tem que ser tão confuso, meu Deus?

João deixa dois copos de bebida na mesa e sai. Capitu pega o seu e vira toda a bebida.

ANITA
Então, achou que isso é um... "ainda gosto dele"?

CAPITU
(desconcertada)
Sim? Não? Talvez? Não sei. A gente é sempre essa bagunça.

ANITA
Corre atrás do seu homem, ué.

CAPITU
Esse é o seu conselho? Cadê o "deixe o passado no passado"?

ANITA
Não parece tão passado pra mim.

CAPITU
Mas é passado! Ele superou!

ANITA
Como prova da minha lealdade, e esperando que nada dessa conversa vaze, ele me falou há uns dez minutos que ainda sente algo por você.

CAPITU
(confusa)
Aonde?

ANITA
(rindo)
No apartamento. Ele se escondeu no
quarto quando você chegou.

Capitu encara Anita por alguns segundos. Ela pega o copo de Anita e vira, se levanta e sai do bar.

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho está sentado mexendo no celular quando ouve batidas na porta. Ele se levanta em um pulo, assustado, vai até a porta e olha pelo olho mágico, depois abre a porta. Capitu entra e para no meio da sala, encarando Bentinho.

BENTINHO
(confuso)
O que?

CAPITU
Você ainda me ama?

BENTINHO
(confuso)
Você tá bêbada?

CAPITU
Responde. Você ainda me ama?

BENTINHO
(confuso)
Capitu, eu não sei se essa é uma
conversa que a gente deveria ter com
você nesse estado.

CAPITU
Não tô bêbada, inferno. Só tomei duas
cervejas. Eu quero saber se você ainda
me ama.

BENTINHO
Por que isso do nada?

CAPITU
Porque você me trocou por um cara.

BENTINHO

Trocar? Você mal falava comigo. Já praticamente namorou depois que a gente terminou.

CAPITU

Mas nunca namorei de verdade.

BENTINHO

Eu também não.

CAPITU

Mas agora você aparece com um cara, Bentinho! No livro isso não acontece.

BENTINHO

Livro? Você nem gosta de literatura.

CAPITU

Talvez eu sempre tenha gostado e nunca percebi!

Bentinho e Capitu ficam em silêncio. Eles se encaram por alguns segundos. Escobar entra pela porta.

ESCOBAR

Desculpa, gente, tô atrapalhando alguma coisa?

Capitu fica extremamente desconfortável e Bentinho toma um susto, olhando de Escobar para Capitu, sem dizer nada.

CAPITU

(desconcertada)

Não, Escobar. Eu já tava de saída.

Capitu sai do apartamento.

BENTINHO

(desconcertado)

Peraí, Capitu!

Bentinho começa a caminha em direção à porta, mas Escobar fica na frente dele.

ESCOBAR

Tá mesmo tudo bem aqui?

BENTINHO

(confuso)

A noite foi... complicada...

ESCOBAR

Relxa, eu tô aqui agora.

Escobar beija Bentinho, que corresponde. Escobar para o beijo e aponta para a porta.

ESCOBAR (CONT'D)

Hoje você trate de fechar aquela porta.

Bentinho vai até a porta e a fecha. Quando ele se vira, Escobar abre sua mochila e tira uma garrafa de Banana Melada.

BENTINHO

Essa bebida demoníaca de novo, meu Deus?

ESCOBAR

Você me prometeu uma comemoração, ué.

Escobar aponta para a virilha de Bentinho.

ESCOBAR (CONT'D)

Engraçado. A garrafa ainda tá fechada e você já tá assim.

BENTINHO

(rindo)
Cala a boca.

Bentinho vai até Escobar e o agarra.

EXT. RUA NA FRENTE DO BAR - NOITE

Anita sai do bar e encontra Capitu do lado de fora do bar.

ANITA

Eaí???

CAPITU

O Escobar tá lá.

ANITA

(perplexa)
Escobar?

CAPITU

Pois é. Me pegou de surpresa também.

ANITA
(perplexa)
Como assim?

CAPITU
Ele chegou do nada e tá lá até agora,
então deve dormir aí.

ANITA
(perplexa)
E você tá fazendo o que aqui?

CAPITU
(confusa)
Como assim?

ANITA
Você não tava toda decidida a ir atrás
do Bentinho?

CAPITU
Mas ele não me quer.

ANITA
Se não quisesse não ia ter ficado todo
preocupado com a chave.

CAPITU
Anita, não era você que tava me
falando pra esquecer ele nesses dois
anos? Por que isso logo agora?

ANITA
Não tô dizendo pra você correr atrás
dele nem pra você esquecer, Capitu. Tô
falando pra você ser feliz. O que você
quer?

CAPITU
Eu quero ele.

ANITA
Então some da minha frente e volta pra
lá, mulher.

CAPITU
É, você tá certa. Ele é meu!

ANITA
E pensar que é Bentinho o ciumento do
livro.

CAPITU
Ciúme? Não tô com ciúme.

ANITA
Se você diz...

CAPITU
Mas como eu volto lá? Eu acabei de sair, preciso de uma desculpa.

ANITA
Eu posso ir com você e dizer que tenho que dormir aí porque tô bêbada.

CAPITU
Isso! Eu te amo, mulher.

ANITA
Foco no Bentinho. Bora.

Capitu e Anita sobem pro apartamento.

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Capitu abre a porta e Bentinho está por cima de Escobar no sofá, os dois estão se beijando. Capitu toma um susto e Anita leva a mão até sua boca, fechando a porta devagar. Capitu bate forte algumas vezes na porta, e Bentinho e Escobar param de se beijar, se sentando lado a lado no sofá. Capitu entra no apartamento apoiando Anita.

CAPITU
Vou precisar de uma ajudinha aqui.

Capitu caminha até o sofá e coloca Anita, que finge estar desacordada, entre os dois.

ESCOBAR
Você não ia embora?

CAPITU
(irônica)
Ia, mas olha a condição de Anita. Tive que trazer ela pra cá.

BENTINHO
Ela tá bem?

CAPITU
Tá bêbada. Como não consegui pedir um Uber, pensei que ia ser tranquilo
(MORE)

CAPITU (CONT'D)
dormir aqui.

ESCOBAR
Tá. A gente cuida dela, pode ir.

CAPITU
E dar esse problema pra vocês? Jamais,
eu cuido da minha amiga. E, como já
dormi tantas vezes aqui, achei que
mais uma não faria diferença. Ontem
mesmo eu fiquei tão confortável.

ESCOBAR
Você dormiu aqui ontem, é?

CAPITU
(irônica)
Dormi sim. Mais uma noite comum nesses
anos de dormida aqui.

ESCOBAR
Pois eu também vou dormir aqui.

CAPITU
Então é uma noite do pijama! Alguém
tem bebida?

ESCOBAR
Com sua amiga assim?

CAPITU
Relaxa, a bebida é pra mim.

BENTINHO
(desconcertado)
Escobar tem Banana Melada.

CAPITU
Odeio essa bebida... mas é isso,
devíamos ver um filme então.

Escobar se levanta.

ESCOBAR
Na verdade, eu vou deitar. Bentinho,
onde é seu quarto?

Capitu se levanta.

CAPITU

(desconcertado)

Quarto? Vocês vão me deixar sozinha com ela assim?

BENTINHO

Verdade. Vou ficar aqui na sala com você pra ver se ela melhora. Pode ir deitar se quiser, Escobar.

Escobar encara Capitu com cara de descontentamento.

ESCOBAR

Me sentiria mal de deixar vocês sozinhos.

Eles ficam em silêncio. Bentinho se levanta.

BENTINHO

(desconcertado)

Bom, acho que todo mundo teve um dia longo. Vou pegar os colchões e quem quiser tira um cochilo aqui mesmo.

Bentinho sai apressado da sala em direção ao seu quarto. Escobar e Capitu se encaram.

ESCOBAR

(sussurrando)

O que você tá fazendo?

CAPITU

(sussurrando)

Cuidando da minha amiga.

ESCOBAR

(sussurrando)

Então vai ser assim?

CAPITU

(sussurrando)

Nem sei do que você tá falando.

Bentinho volta para a sala com dois colchões. Ele joga ambos no chão. Capitu e Escobar continuam se encarando.

BENTINHO

(desconcertado)

Então, querem tirar turnos pra quem olha ela?

ESCOBAR
 (irritado)
 Capitu disse que tá cansada. Deixa ela
 dormir primeiro.

ANITA
 (murmurando)
 Capitu...

BENTINHO
 Pelo menos não tá morta...

CAPITU
 (cínica)
 Parece que vou ter que olhar minha
 amiga. Mas pode dormir, Escobar, fique
 a vontade.

ESCOBAR
 (irritado)
 Nem te digo o que me deixaria a
 vontade...

CAPITU
 (cínica)
 É? Fala aí, vai.

Eles ficam em silêncio. Bentinho lentamente vai até o sofá e se senta do lado de Anita, pegando o controle do videogame e colocando um fone de ouvido.

BENTINHO
 (desconcertado)
 Vai ser uma noite longa, então vou
 jogar uma partidinha aqui. Mas sintam-
 se em casa.

Capitu e Escobar continuam em pé se encarando.

INT. SALA DE ENTREVISTA - NOITE

Escobar está sentado na poltrona.

ESCOBAR
 (indignado)
 Dá pra acreditar nisso? E você acha
 que foi tudo? Não foi!

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Anita dorme no sofá. Bentinho está ao seu lado jogando

videogame e Escobar está na outra ponta do sofá, mexendo no celular. Capitu está cochilando na poltrona. Escobar olha em volta e cutuca Bentinho, apontando para o quarto. Bentinho afirma com a cabeça e tenta se levantar, mas Capitu acorda e Bentinho se senta novamente.

CAPITU

Tudo certo com a Anita aí?

BENTINHO

(desconcertado)

Tudo, tudo sim. Tudo ótimo.

Bentinho se encolhe no sofá e coloca a mão no rosto, e Escobar olha com olhar de indignação para Capitu, que devolve o olhar.

INT. SALA DE ENTREVISTA - NOITE

Capitu está sentada na poltrona.

CAPITU

(indignada)

Quem ele acha que é pra me olhar daquele jeito? Só pode ser brincadeira uma coisa dessas, não é possível. Chegou agora e já quer sentar na janela. Pois eu não deixo!

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - NOITE

Bentinho, Anita e Escobar estão sentados no sofá, enquanto Capitu está na poltrona. Anita está dormindo. Bentinho se levanta.

BENTINHO

Acho bom a gente deitar Anita aí pra ela não acordar ruim do pescoço.

Escobar e Capitu se levantam para ajuda Bentinho a deitar Anita. Os dois ficam se encarando e Bentinho tem que deita-la sozinho.

BENTINHO (CONT'D)

Eu vou dormir. Tô morto de cansaço.

ESCOBAR

(irritado)

É, eu também. Capitu, pode usar esse colchão que eu e Bentinho dividimos um.

CAPITU
 (cínica)
 Não precisa, não vou dormir agora.
 Usem os dois.

BENTINHO
 (desconcertado)
 Tudo resolvido então. Boa noite, já
 vou deitar.

Bentinho se deita.

ESCOBAR
 (irritado)
 Só um aviso: eu durmo pelado.

CAPITU
 (irritada)
 Que coincidência: eu também.

Capitu tira a blusa e joga em Bentinho, que fica encarando ela de boca aberta. Escobar tira a calça e joga em Bentinho, que reveza o olhar entre os dois.

BENTINHO
 (desconcertado)
 Então é isso, muito boa noite pra
 vocês.

Bentinho cobre seu rosto com a coberta e vira de costas para os dois.

CAPITU
 (cínica)
 Boa noite, Escobar. Aproveite seu
 sono.

ESCOBAR
 (irritado)
 Você também, Capitu.

Os dois continuam de pé e se encarando.

INT. SALA DE ENTREVISTA - NOITE

Escobar está sentado em uma poltrona.

ESCOBAR
 Da pra acreditar nessa empata foda?
 Agora eu quero Bentinho ainda mais.
 Uma afronta dessas, quando eu já tinha
 (MORE)

ESCOBAR (CONT'D)
 planejado a noite toda. Mas tem que ser muito enxada mesmo, viu. Odeio essa Capitu. Mas ela tá achando que vai conseguir o que quer? Nada disso. A vida não é um livro não. Dona Casmurra do cacete.

ELIPSE

Capitu está sentada em uma poltrona.

CAPITU
 Esse escroto tá achando que vai roubar o Bentinho de mim, mas ele tá muito enganado! É questão de literatura, ele fica comigo! Machado de Assis é um visionário, o homem sabia das coisas.

ELIPSE

Bentinho está sentado na poltrona.

BENTINHO
 (rindo)
 Que dia, hein. Aparentemente tenho dois *crushs* e não tenho a mínima ideia do que fazer. Mas não posso reclamar. "Ai, meu Deus! Duas pessoas super atraentes tão afim de mim". Que grande reclamação, hein.

INT. SALA DA CASA DE BENTINHO - DIA

Anita está dormindo no sofá. Escobar e Bentinho dormem nos colchões, enquanto Capitu está dormindo na poltrona. Anita acorda e pega seu celular, notando que tem algumas ligações perdidas de Buiu.

ANITA
 Merda!

Ela se assusta e se levanta, pisando sem querer em Escobar.

ESCOBAR
 Ai!

ANITA
 Desculpa!

Bentinho levanta no susto.

BENTINHO
O que? Tá tudo bem?

ANITA
Relaxa, só pisei no Escobar sem
querer.

BENTINHO
Ahh, sim. Mas e você? Tá bem?

ANITA
Tô, mas tenho que ir correndo pra
casa.

ESCOBAR
Vou aproveitar pra rachar um Uber com
você, pode ser?

ANITA
Claro, sem problemas.

Eles se levantam. Escobar pega sua calça no chão e começa a se vestir. Bentinho olha o horário no celular.

BENTINHO
Que saco, também vou ter que sair. Vou
fazer outra visita àquele maldito
shopping.

ANITA
E Capitu vai ficar aí?

BENTINHO
Pode deixar, não tem problema. Vou só
trocar de roupa.

ANITA
A gente vai te deixar aí porque tenho
que ir bem rápido. Até.

ESCOBAR
Mas/

Anita sai pela porta. Escobar fica olhando ela ir, e se vira para Bentinho.

ESCOBAR (CONT'D)
A gente se vê depois então.

Escobar faz menção de beijar Bentinho, mas Capitu se assusta no sono, mas volta a dormir em seguida. Bentinho abraça

Escobar, desviando do seu beijo.

BENTINHO
(desconcertado)
Claro, depois a gente se vê. Vou me
apressar.

Bentinho sai da sala e entra em seu quarto. Escobar encara Capitu dormindo por alguns segundos, depois sai apressado.

ELIPSE

Bentinho sai arrumado do quarto e vê que Capitu ainda dorme na poltrona, pendendo para um lado. Ele vai até lá, a pega no colo e coloca no sofá. Ele a observa por alguns segundos, com um sorriso de canto de boca, e sai do apartamento.

INT. SALA DE ENTREVISTA - DIA

Bentinho está sentado na poltrona.

BENTINHO
Machado de Assis errou quem era o dono daqueles olhos? Com certeza. Mas que a tal da Capitu tem alguma magia... isso eu não posso negar.

Bentinho sorri de forma tímida.